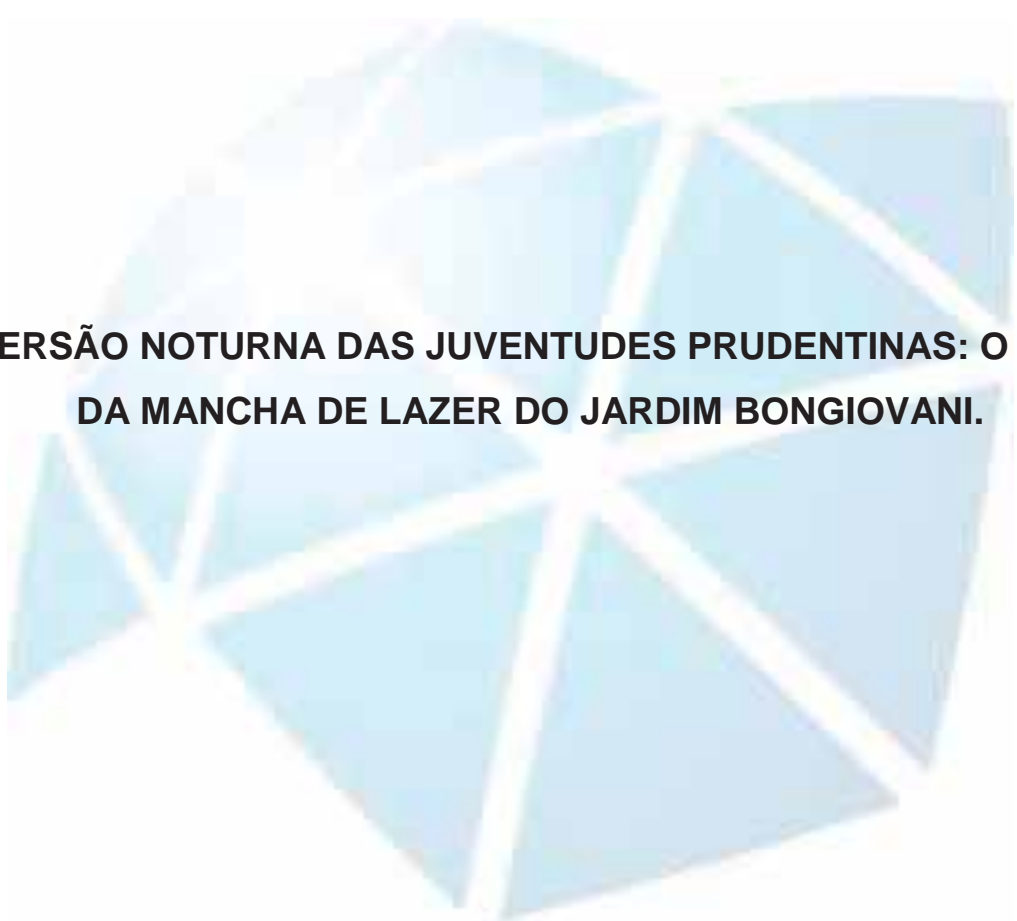




UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
“JÚLIO DE MESQUITA FILHO”
Câmpus de Presidente Prudente

MARCELO CUSTÓDIO PEREIRA



**DIVERSÃO NOTURNA DAS JUVENTUDES PRUDENTINAS: O CASO
DA MANCHA DE LAZER DO JARDIM BONGIOVANI.**

PRESIDENTE PRUDENTE

2012



UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
“JÚLIO DE MESQUITA FILHO”
Câmpus de Presidente Prudente

MARCELO CUSTÓDIO PEREIRA

**DIVERSÃO NOTURNA DAS JUVENTUDES PRUDENTINAS: O CASO
DA MANCHA DE LAZER DO JARDIM BONGIOVANI.**

**Monografia apresentada ao
Departamento de Geografia da FCT
UNESP de Presidente Prudente – SP,
para a obtenção do título de Bacharel
em Geografia.**

**Orientador:
Prof Dr. Nécio Turra Neto**

PRESIDENTE PRUDENTE

2012

Pereira, Marcelo Custodio.

P493d Diversão Noturna das Juventudes Prudentinas : O Caso da Mancha de Lazer do Jardim Bongiovani / Marcelo Custodio Pereira. - Presidente Prudente : [s.n], 2012

00 f. : il.

Orientador: Necio Turra Neto

Trabalho de conclusão (Bacharelado em Geografia) - Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências e Tecnologia

Inclui bibliografia

1. Juventudes. 2. Sociabilidade Juvenil. 3. Mancha de Lazer. 4 Territorialidades. I. Turra Neto, Necio. II. Universidade Estadual Paulista. Faculdade de Ciências e Tecnologia. III. Diversão Noturna das Juventudes Prudentinas : O Caso da Mancha de Lazer do Jardim Bongiovani.

DECLARAÇÃO

MARCELO CUSTÓDIO PEREIRA, RG. N.º **9.971.286-4** cumpriu sob minha orientação, 180 horas de Estágio Supervisionado e Trabalho de Graduação do Curso de Bacharelado em Geografia, desta Faculdade.

Título de Monografia: **"DIVERSÃO NOTURNA DA JUVENTUDE PRUDENTINA: O CASO DA MANCHA DE LAZER DO JARDIM BONGIOVANI"**.

A Monografia foi apresentada, em defesa pública, no dia **20 de novembro de 2012**, às 09h00min, na Sala de Reunião do Recime (Gasperr).

Após as arguições e defesa do(a) candidato(a), foi atribuído o conceito A, com a nota 10 (dez).

Presidente Prudente, 20 de novembro de 2012.

BANCA AVALIADORA	ASSINATURAS
Prof. Dr. Nécio Turra Neto (orientador)	<i>Nécio Turra Neto</i>
Profa. Dra. Maria Encarnação Beltrão Sposito	<i>MEB</i>
Prof. Msc. Juscelino Eudâmidas Bezerra	<i>JBezerra</i>

DEDICATÓRIA

À Família, aos Amigos, à boa música e às madrugadas, meus fiéis e verdadeiros companheiros.

AGRADECIMENTOS

Esta jornada não seria possível sem o apoio dos meus familiares, amigos e professores, que sempre me deram forças e inspiração para viver e participar desta maravilhosa experiência proporcionada pelo Curso de Geografia e pela FCT UNESP de Presidente Prudente, *lugar* que amo, tanto pelas boas vivências quanto por sua efervescência de pensamentos críticos que emanam das pessoas que a compõem. Disto e das amizades é do que sentirei mais falta quando este ciclo se fechar.

Sei que serei injusto, mas não posso deixar de citar especialmente meus pais Valdiney e Lucineide, meu irmão Messias e meus grandes amigos Poke e Nino, que participaram de muito perto e ativamente deste período de forma especial. Amo vocês! À todas as amizades e coleguismos aqui tecidos, meu verdadeiro apreço!

Todas as experiências aqui vividas foram válidas, até mesmo os problemas, as discordâncias, os entraves e dificuldades. “É na crise que se procura soluções e consegue-se fazer com que muitas pessoas enxerguem aquilo que sempre viram, mas nunca notaram”, como diria Wellington Neiva, meu saudoso educador em Geografia do ensino fundamental e médio, culpado por eu estar escrevendo estas linhas. Assim, agradeço a tudo e a todos que me puseram em situações adversas, pois me permitiram aprender um pouco mais sobre a vida.

Agradeço todas as pessoas que participaram desse processo de aprendizado, amadurecimento e enriquecimento pessoal, desde os colegas de turma, professores, orientador e funcionários, mesmo que alguns não tenham participado diretamente, mas que indiretamente viabilizam tudo isto.

Por último, agradeço também ao apoio da PIBIC Reitoria – UNESP, que financiou e viabilizou esta pesquisa.

RESUMO

Este trabalho pretende aproximar os estudos das Juventudes à Geografia. Aborda a Sociabilidade Juvenil através do contexto da diversão noturna, levando em consideração as espacialidades e temporalidades desse fenômeno e sua territorialização no espaço urbano.

Para isso, foi feito o estudo de caso de uma “Mancha de Lazer” – uma centralidade formada pela coesão de estabelecimentos de entretenimento noturno, que serve de referência de diversão aos seus frequentadores e também aos moradores da cidade –, localizada no “Jardim Bongiovani”, um dos bairros universitários de Presidente Prudente – SP. O trabalho procurou reconstruir o processo histórico de formação e estruturação dessa mancha, e conhecer suas dinâmicas atuais, com base na Observação Participante.

Assim, buscou-se identificar os atores sociais que ali estavam e suas práticas espaciais, seus trajetos e fluxos, os grupos de referência identitária, as referências espaciais e territorializações na mancha, e também as formas de conquistar visibilidade neste cenário do espetáculo urbano.

PALAVRAS CHAVE: Sociabilidade Juvenil; Juventudes; Mancha de Lazer; Presidente Prudente – SP; Jardim Bongiovani.

ABSTRACT

This work aims to approach the Youth Studies to the Geography. It addresses Youth Sociability through the nightlife entertainment context, considering the spatiality and temporality of this phenomenon and its territorialization in urban space.

For this, we made a case study of a "Leisure Spot" - a centrality formed by the cohesion of evening entertainment establishments, which serves as a reference of entertainment to their attenders and also to the residents of the city - located in the "Jardim Bongiovani" one of the university district of Presidente Prudente - SP. The study sought to reconstruct the historical process of formation and structuring of that spot, and know its current dynamics, based on Participant Observation.

Thus, we sought to identify the social actors that were there and their spatial practices, its paths and streams, the reference group identity, and spatial references and territorializations in the Leisure Spot, and also the ways of the youth to gain visibility in this scenario of urban spectacle.

KEYWORDS: Sociability Youth, Youths, Leisure Spot; Presidente Prudente - SP; Jardim Bongiovani.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
CAPÍTULO 1 - CONTEXTO TEÓRICO CONCEITUAL DA INVESTIGAÇÃO	12
CAPÍTULO 2 - SURGIMENTO DA MANCHA DE LAZER DO BONGIOVANI E SEU CONTEXTO HISTÓRICO	22
CAPÍTULO 3 - SOBRE A METODOLOGIA.....	38
3.1 – METODOLOGIA DE CAMPO.....	40
CAPÍTULO 4 – VIVÊNCIA DE CAMPO: EXPERIÊNCIAS E ANÁLISES	49
4.1 – A DINAMICA DA NOITE NA DIMENSÃO TEMPORAL.....	50
4.2 – UM NOVO CENÁRIO: SIGNOS, SÍMBOLOS E NOVAS CULTURAS JUVENIS NO JARDIM BONGIOVANI	59
4.3 – AS MICROTERRITORIALIDADES	72
4.4 – A VIOLÊNCIA, DROGAS E POLÍCIA.....	80
CONSIDERAÇÕES FINAIS	88
REFERÊNCIAS	91
ANEXOS.....	94

INTRODUÇÃO

Sabemos que tem sido tímida, na Geografia Brasileira, a preocupação com a temática das Juventudes. Há notícias de alguns trabalhos dispersos, em cursos de pós-graduação e em Iniciação Científica, que, via de regra, têm sido feitos sem nenhum contato. Paralelamente, vemos se ampliar nos estudos sobre juventudes uma preocupação com a dimensão espacial do fenômeno. Assim, a Sociologia da Juventude tem empregado, crescentemente, termos como **espaço, território, desterritorialização, lugar, global-local**, sem uma interlocução com a **Geografia** e sem um maior rigor conceitual.

A pesquisa desenvolvida tem como intenção contribuir com a discussão sobre a espacialidade das **juventudes** na cidade, por meio do estudo das práticas socioespaciais dos jovens que frequentam a **mancha de lazer**¹ do Bairro Jardim Bongiovani, em Presidente Prudente. Nela buscamos identificar os trajetos e fluxos, os grupos de referência identitárias, as referências espaciais e territorializações na mancha, e também as formas de conquistar visibilidade neste cenário do “espetáculo urbano”, buscando compreender como se dá a relação das juventudes com a cidade através deste estudo de caso, enviesado pela sociabilidade juvenil e pelo lazer.

Desta maneira, buscamos nos estudos antropológicos, sociológicos e etnográficos, referências e “caminhos” trilhados por estes pesquisadores, para compreender as juventudes em sua relação com a cidade, procurando estabelecer aproximações com o ponto de vista geográfico, pela interpretação das relações socioespaciais e da territorialidade destas juventudes. Para tanto, interessa-nos compreender quais foram as condições históricas que permitiram que o nosso objeto de estudo, **a mancha de lazer do Bongiovani**, se constituísse naquela porção do espaço urbano e como ela foi se transformando no decorrer dos anos, juntamente com seus usos e as práticas de sociabilidade juvenil que comporta. O enfoque principal, contudo, recai sobre as dinâmicas mais recentes da mancha de lazer, acompanhadas sistematicamente entre Dezembro de 2010 e Maio de 2011, e também dos reflexos deste período observado na realidade atual do Jardim Bongiovani.

Além disso, buscamos identificar quais são os perfis dos frequentadores da mancha de lazer, quais suas filiações identitárias e espaciais, suas formas de lazer e os trajetos que

¹ O conceito de mancha de lazer será aprofundado no “Capítulo 2 – Surgimento da Mancha de Lazer do Bongiovani e seu contexto histórico,” na página 27.

percorrem pela cidade, procurando compreender os conflitos e tensões possíveis entre os grupos dentro do contexto da mancha de lazer.

Este trabalho está dividido em cinco capítulos além desta introdução, organizados nesta ordem: **Contexto teórico-conceitual da investigação, Surgimento da Mancha de Lazer do Bongiovani e seu contexto histórico, Metodologia, Dinâmica da noite na dimensão temporal, Vivências de campo: experiências e análises.** Ao final, temos as **Considerações Finais**, onde buscamos apresentar uma visão sintética do percurso da pesquisa e suas principais contribuições, seguida dos **Anexos**.

Na primeira parte, é feita uma contextualização da investigação, expondo as ideias e conceitos principais que norteiam a pesquisa, a fim de situar o leitor no universo da discussão das juventudes em relação ao espaço, enfatizando o surgimento das juventudes como categoria social.

No capítulo **Surgimento da Mancha de Lazer do Bongiovani e seu contexto histórico**, temos um breve histórico da formação do bairro Jardim Bongiovani, que nos permite situar o contexto em que se deu a emergência da Mancha de Lazer no bairro. Além disso, reconstruímos, a partir de entrevistas concedidas por proprietários de estabelecimentos de lazer noturno do bairro, o processo de consolidação e desenvolvimento do cenário da “noite” do Bongiovani, até os dias atuais.

No capítulo subsequente, é exposta a metodologia utilizada para o desenvolvimento da pesquisa, pormenorizando os procedimentos e técnicas utilizadas.

No capítulo **A Dinâmica da noite na dimensão temporal**, fazemos uma análise do comportamento dos diferentes fluxos da Mancha de Lazer do Jardim Bongiovani, a partir de uma perspectiva temporal, no qual enfatizamos as regularidades percebidas no decorrer das observações, ao longo das horas e ao longo dos dias do mês.

No capítulo **Vivências de campo: experiências e análises**, enfatizamos o processo de construção das saídas de campo, buscando, através das experiências e observações, discutir as constatações feitas, contrastando as evidências empíricas com nossos referenciais teóricos, para compor nossas análises.

Na última parte, fazemos, de maneira sintética, um balanço de nossas análises e considerações sobre os resultados da investigação.

CAPÍTULO 1 - CONTEXTO TEÓRICO CONCEITUAL DA INVESTIGAÇÃO

Para que fizéssemos a investigação proposta, foi de extrema importância que tivéssemos em mente uma conceituação sobre a “juventude”, tendo em vista que buscamos compreender suas relações com o espaço da cidade e suas práticas espaciais na mancha de lazer do Bongiovani.

A tarefa de conceituar o que é juventude, ou “o que é ser jovem”, é de extrema complexidade, tendo em vista que é uma noção na qual estão envolvidas diversas ordens de representações sociais (dos adultos em geral, do mercado e meios de comunicação, das ciências sociais e dos próprios sujeitos juvenis sobre si mesmos), variáveis de acordo com o contexto histórico de que se trata e também de acordo com as referências culturais de cada sociedade, cada qual com seus valores e “rituais” de transição da condição de jovem para a de adulto (ABRAMO, 1994).

Levi e Schmitt (apud DIÓGENES, 2008, p. 93) nos mostram que

Falar em juventude é movimentar-se em um campo ambíguo de conceituação. A juventude constitui-se como categoria social, no que tange à definição de um intervalo entre a infância e a vida adulta, apenas no final do século XIX, ganhando contornos mais nítidos no início do século XX. A juventude é uma invenção moderna, sendo, desse modo, tecida em um terreno de constantes transformações. Como uma produção social e cultural, a juventude, mais do que qualquer outra categoria, tem a característica ‘de ser irredutível a uma definição concreta e estável’.

Normalmente, temos disseminada entre as pessoas uma noção de juventude colada à determinadas faixas etárias, que tenta atribuir alguns tipos de “comportamentos padrão” de cada “período” da vida, na qual a juventude se insere como mais uma “fase” passageira a ser superada com o avanço da idade.

Nas Ciências Sociais, encontramos uma concepção similar, denominada como “Geracional”. Baseando-se em Pais (1993), Dayrell (2005) nos mostra que esta é uma vertente que entende a juventude como uma *fase de vida*, com aspectos característicos e mais homogêneos, que resultariam numa **cultura juvenil** mais uniforme, definida pela faixa etária de sua geração. Tal vertente sociológica atribui à faixa etária certa coesão comportamental da juventude, não levando em conta aspectos socioculturais, econômicos e espaciais, que são muito importantes para entender um pouco da extremamente complexa relação social, que se constrói entre os universos juvenis e adultos.

Dayrell (2005), dialogando com autores como Airès (1981), Elias (1994), Peralva (1997) e Abramo (1994), mostra que a própria juventude é um fenômeno recente, incorporada no século XIX e sendo mais marcante a partir do século XX, atribuída como uma categoria socialmente destacada nas sociedades industriais modernas, por todas suas mudanças em suas instituições, como família, escola, trabalho e a própria difusão do trabalho assalariado. Estas mudanças causaram impacto na sociedade ocidental, principalmente na maneira de inserção social do indivíduo jovem, que a partir de certo momento, deveria ser colocado em separado do mundo adulto e colocado numa instituição com a finalidade de preparar-se para o futuro.

Assim, a juventude nasce, enquanto categoria social, intimamente atrelada à instituição escolar. Por isso, segundo Cavalli (1980, apud DAYRELL, 2005), até meados do século XX, a juventude era constituída pelos filhos da aristocracia e burguesia europeias, ou seja, aqueles filhos das classes sociais mais privilegiadas, que não precisavam trabalhar desde a infância e podiam, segundo Margulis (1997), “postergar a condição de adulto” enquanto se dedicavam aos **estudos**. Estes jovens das classes abastadas estudavam nas universidades ou em colégios militares, sendo preparados – nesta “fase de transição” – para a vida adulta, quando ocupariam os cargos das “classes dirigentes”.

Por outro lado, as classes trabalhadoras das sociedades industriais já iniciavam suas atividades laborais, forçosamente, ainda na infância, não tendo um período que pudesse se chamar de “juventude” neste contexto, pois a juventude estava intimamente ligada com a condição de procrastinar a entrada na “vida adulta” de trabalho e responsabilidades para, através dos estudos, se “preparar” para a fase adulta.

Vale ressaltar também que neste contexto, não houve só a ausência do período da juventude para a maioria das pessoas – que não pertenciam à aristocracia e à burguesia -, mas também para as “meninas de todas as classes”, pois, segundo Abramo (1994), citando Airès, até o século XVIII estas eram preparadas desde muito cedo para se comportar como adultas, tendo em vista que a educação era privilégio masculino até o século XIX, quando foi ampliado para as mulheres.

Mesmo mais contemporaneamente, em fins do século XX e início do XXI, depois da ampla difusão da condição juvenil e da cultura juvenil para parcelas cada vez mais amplas da população, é possível se perguntar se todos tem de fato acesso à possibilidade condição juvenil (DAYRELL, 2005). O que aponta para um direito ainda a ser conquistado, mas também para o fato de que há uma diversidade de vivências possíveis desta fase de vida que,

muitas vezes, foge ao modelo do jovem, como aquele que está fora da sociedade, vivendo uma fase de experimentação, de diversão e, ao mesmo tempo, preparando-se para a vida adulta.

Sobre isso, Margulis (1997, p. 25-6) argumenta que

[...] la condición histórico-cultural de juventud no se ofrece de igual forma para todos los integrantes de la categoría estadística 'joven'. [...] Se há destacado la importancia de fenómenos culturales, relacionados con la estructura de clases, para dar cuenta de lo heterogéneo y desigual dentro del concepto 'juventud'.

Tal proposição de Margulis (1997) aponta tanto para a diversidade econômica e de classe social, que marcaria distinções entre jovens, quanto para a valorização da cultura, como sinalizadora de diversidades de vivências juvenis. A vertente sociológica conhecida como **Classista** (DAYRELL, 2005), em oposição à **Geracional**, salienta a diversidade econômica da juventude. Já em Margulis (1997) temos uma perspectiva mais pluralista, que reconhece tanto a diversidade econômica quanto a diversidade cultural – muitas vezes introduzida pela potência dos meios de comunicação de massa proporem identidades distintivas -, mas também reconhece a existência de alguns aspectos universais, decorrentes da fase de vida.

Estas distintas abordagens sobre o fenômeno juvenil se desenvolveram, sobretudo, ao longo da segunda metade do século XX e tiveram como referência transformações no próprio cenário juvenil.

Abramo (1994) nos mostra que, antes desse período já haviam algumas evidências de incipientes relações do universo de movimentos culturais e “modos/estilos de vida”, que tinham suas práticas e valores próprios, diferentes dos valores comungados pela maioria das pessoas daquela sociedade, como parece ter sido o caso da geração *beatnik*, “um movimento cultural do qual participaram fundamentalmente jovens artistas e intelectuais” (p. 9), tributária do romantismo do século XIX.

O período posterior a 2ª Grande Guerra Mundial, que teve grande euforia econômica nos Estados Unidos, foi marcante para o surgimento de uma nova visão sobre as juventudes na sociedade moderna. Neste período, Abramo (1994) afirma que houveram mudanças estruturais nas principais instituições da sociedade, como a família, o trabalho e a escola, por exemplo. Além disso, a problematização da juventude passou a centrar-se na “ampliação e vinculação aos espaços de lazer, à indústria cultural e aos meios de comunicação” (p. 28), que

marcaram o cenário juvenil do momento em que o cinema e o *rock'in roll* ditavam os signos de uma juventude rebelde, antecipando rupturas comportamentais, que marcariam as décadas seguintes.

Foi neste contexto que “surge a noção de existência de uma *cultura juvenil* genérica, que designa todo o universo comportamental juvenil e que é, de alguma forma, partilhada pelos diferentes setores e grupos que compõem a juventude”, aproximando então estes “modos de vida”, que foram intimamente associados com a arte e cultura a jovens de várias camadas sociais. Isto é proporcionado, principalmente, pela expansão do acesso à educação a várias camadas sociais e também pela possibilidade da inserção em grande escala dos jovens no mercado de trabalho (ABRAMO, 1994, p.27).

Dayrell (2005, p. 30), citando Feixa (1998), Leccardi (1991) e Abramo (1994), afirma que, no período pós-guerra houve uma nova construção das noções de juventude, que veio afirmar-se

[...] como uma idade da vida específica, não mais restrita a determinados setores da sociedade, mas como um fenômeno mundial. Sua visibilidade, principalmente a partir da década de 50, ocorre nas esferas da cultura e do consumo, que contribuem na construção de uma identidade juvenil própria. [...] No plano das relações familiares, evidenciou-se, também, uma crise da autoridade patriarcal, o que levou a uma ampliação das esferas de liberdade juvenil acompanhada de uma modernização no plano dos usos e costumes, que teve na “revolução sexual” seu signo mais evidente.[...]

Para Abramo (1994), tais transformações ganharão rebatimento no plano espacial das cidades, quando esta ampla cultura juvenil internacional, em várias cidades do mundo, passa a abarcar “[...] novas atividades e espaços de diversão e novos padrões de comportamento, especificamente juvenis, que produzem uma série de atritos e conflitos com as normas e as instituições e seus representantes [...]” (p.28).

Abramo (1994) também apresenta as noções de **rebeldia**, **delinquência** e **revolta** que disseminadas no primeiro quarto do século XX, oriundos da postura funcionalista da Escola de Chicago, entendendo os jovens que não atendiam as expectativas de conduta delineadas para os “jovens normais” – de classe média e alta – como sujeitos desviados, com posturas patológicas, representando uma “doença social” que deveria ser “curada”, com medidas que os integrassem àquele modelo de sociedade.

Esta visão é reforçada na segunda metade do século, quando há uma negação do modelo de sociedade por parte dos jovens, que agora, tinham seus valores pautados em novas referências, que valorizavam o prazer, a “liberdade”, a independência financeira e o ócio, o que causou um “conflito geracional” e também uma série de movimentos culturais juvenis de contestação, principalmente, na década de 1960 (ABRAMO, 1994).

Também temos a ideia de crise atribuída à juventude, que Dayrell (2005) retrata como resultante de uma crise referente tanto às mudanças biológicas, quanto as psicológicas. Estas últimas podem ser atribuídas à uma confusão em relação à família, conflitos internos de identidade, divergência de interesses tanto da família, quanto da própria sociedade, sendo um período de instabilidade psicológica, pois é instaurada uma série de exigências e decisões por parte do jovem, que se sente pressionado para fazer suas escolhas.

Diógenes (2008) mostra que a década de 1960 teve uma maior efervescência em relação às transformações sociais levadas à cabo pelos movimentos sociais estudantis e juvenis e suas filiações identitárias. Porém, afirma que nas duas décadas seguintes estas filiações perderam relativamente seu caráter reacionário, cedendo mais aos apelos do consumo e diversão. As “culturas juvenis” disseminadas nestas décadas são vistas pela autora como produtos da alienação e da cultura de massa, associadas à estilos e à música, no lazer e no consumo, e não mais à um cunho político de revolução e mudança do sistema industrial tecnocrata, que é exposto no trecho:

[...] A ideia idílica da juventude como inovação cultural, signatária de valores forjados num “mundo às avessas”, sofre ressignificações decisivas na década de 70. Essa desqualificação relaciona-se, basicamente, ao fato de nos anos 70 e principalmente durante toda a década de 80 os jovens se organizarem em torno de movimentos culturais e se apresentarem socialmente como difusores de estilos de vida centrados na música, no lazer e no consumo de produtos identificados com a cultura juvenil (QUIROGA, 1996, p. 2, *apud* DIÓGENES, 2008, p. 99).

Ela afirma que este pluralismo ilimitado é a marca da geração cultural de 1980, década que há uma “expansão de uma cultura ‘global’ [...] no momento em que a sociedade de consumo parece unificar-se”. (DIÓGENES, 2008, p. 100)

No entanto, as características que delineiam estes modos de vida dos jovens são entendidos por vários autores como “Culturas Juvenis”, sendo a juventude “o ator, por excelência, da cultura de massa, ela ‘protagoniza’ os espetáculos urbanos, ‘esteticiza’

imagens, difundindo a versatilidade e a liberdade dos movimentos como um modo de ser ‘moderno’.” (DIÓGENES, 2008, p. 100)

Pampols (2004, *apud* Magnani, 2005, 176), entende que o conceito de “Culturas Juvenis”

[...] aponta mais para as formas em que as experiências juvenis se expressam de maneira coletiva, mediante estilos de vida distintivos, tendo como referência principalmente o tempo livre. Esses ‘estilos distintivos’, identificados por meio do consumo de determinados produtos da cultura de massa, como roupas, música, adereços, formas de lazer etc., remetem à idéia das ‘subculturas’

Pampols (1998) também entende que as juventudes, desde o período pós-guerra, ressignificam a cidade no espaço e no tempo, e dão novas dinâmicas e marcas para determinadas áreas, para “humanizar praças e ruas” e dar usos a estes espaços que, muitas vezes, estão marginalizados.

Assim, afirma que é

[...] A través de la fiesta, de las rutas de ocio, pero también del grafitti y la manifestación, diversas geraciones de jóvenes han recuperado espacios públicos que se habían convertido en invisibles, cuestionando los discursos dominantes sobre la ciudad.

E que

[...] Las culturas juveniles crean un territorio propio, adueñándose de determinados espacios urbanos que distinguen con sus marcas: la esquina, la calle, la pared, el local de baile, la discoteca, las zonas de ocio, etc. (PAMPOLS, 1998, p.90)

Tendo em vista que as condições socioespaciais e seus contextos culturais envolvem toda a questão da juventude, temos as culturas de massa e seus “modos de ser jovem”, apresentando contemporaneamente mercadorias culturais atreladas a estas maneiras de ser jovem, as quais estão intimamente ligadas com a música e a arte em geral.

A arte e a música tem se mostrado instrumentos muito fortes de difusão desses “modos de ser jovem” e de identificação entre os sujeitos, principalmente, com a popularização dos meios de comunicação de massa, a partir de meados do século XX. Estes jovens, ao tomarem os referenciais de postura, estética e comportamento de determinado estilo, sentem-se integrados e, através de signos, se identificam e marcam visualmente para os adultos e outros

jovens, suas respectivas filiações, que são carregadas de ideologias. Estas filiações contribuem muito para a formação dos **grupos identitários**, nos quais a sociabilidade destes jovens é intensa e dinâmica (DIÓGENES, 2008; DAYRELL 2005).

Para entendermos melhor as dinâmicas juvenis nos espaços de lazer, usamos o conceito de “sociabilidade” que, para Simmel (1983), é uma forma de interação pura e espontânea, sem qualquer interesse, além da própria interação. Em outras palavras, é uma forma de interação que se torna um fim em si mesma, sendo a “conversa” o motor dessa interação, em que sua única finalidade é estar “conversando” (ou interagindo), independente do seu conteúdo (ou assunto). Seria a “forma lúdica da sociação”.

Dessa forma, buscamos compreender como se dá a sociabilidade juvenil na “noite prudentina”, especificamente dos grupos que frequentam a “mancha de lazer” do Bongiovani. Mas por que a “noite” é o ambiente que os jovens fazem a festa?

Segundo Margulis (1997), a “noite” é dos jovens. Enquanto os adultos dormem, eles fazem outra cidade, ressignificando seus espaços e transformando suas dinâmicas, fluxos e até as relações de poder que ali se dão. Isto acontece enquanto a reprodução econômica, o trabalho e as instituições estão de “olhos fechados”, abrindo uma lacuna temporal, que permite outra percepção da cidade. É na noite que as festas acontecem, as quais o autor encara como uma transgressão do cotidiano, onde existe uma liberdade e subversão dos poderes e regras do dia-a-dia.

O autor propõe que a **festa autêntica** “es libertad, y requiere un tempo proprio, um espacio diferente, discontinuo con el espacio habitual” (MARGULIS, 1997, p. 16), e compara as casas noturnas que oferecem entretenimento com “simulações de festa”, onde se “compra” um tipo de entretenimento, que já tem seu espaço e regras definidas, e onde se exerce certo controle por parte dos donos do estabelecimento. Dessa maneira, o autor interpreta o comportamento dos jovens nestas casas noturnas como o de “atores num teatro alheio”, fazendo a mesma analogia que Magnani faz em sua análise das manchas de lazer, na qual compara a “noite” à um “espetáculo urbano”, com cenários, atores e *script*.

Isto nos remete à diversão que acontece nos espaços públicos – nas calçadas, ruas e praças – da mancha de lazer do Bongiovani, que do ponto de vista de Margulis são mais autênticas e espontâneas, e não estão sob o controle e regras dos donos dos estabelecimentos, sendo criada uma sensação de maior liberdade nos jovens que ali estão, permitindo-se algumas práticas e excessos, que seriam controlados no lado de dentro das casas.

Almeida & Tracy (2003) retratam muito bem isso em seus estudos sobre as juventudes de classe média da metrópole carioca, onde percebem que, muitas vezes, a diversão e a sociabilidade se dão mais intensamente do lado de fora das boates do que, propriamente, nas festas que acontecem do lado de dentro. As autoras nos trazem a importância dos trajetos que os jovens fazem pela cidade, sendo relatado por muitos jovens o fato deste **trajeto** ser a própria diversão em si e não necessariamente a entrada nas boates.

É visto que a frente das casas noturnas é o local que sinaliza se a festa vai ser boa ou não, e o fato de “estar ali” pode ser mais divertido do que no espaço interno das boates, pois do lado de fora é possível conversar, circular, “ver o movimento” e ainda ter a liberdade de procurar outras possibilidades de diversão em outros lugares.

No nosso caso, também é possível perceber estas características, sendo a frente das casas noturnas um local de grande centralidade, para onde os jovens, os fluxos e os olhares convergem, mesmo que sem a intenção de entrar, mas de estar em contato e sociabilizar com os seus pares, “ver e ser visto”, “zoar”, paquerar, etc.

É no âmbito da mancha de lazer que os jovens fazem sua festa e buscam diversão de um modo geral. Porém, essa procura pelo espaço de festa não é aleatória, tendo certa dinâmica de signos e territorialidades envolvidas e que determinam a espacialidade das juventudes, ou de certa parcela da juventude da cidade – aquela que avidamente consome os locais de diversão noturna.

Gomes (2002) ressalta a importância e influência que a disposição física dos equipamentos e estruturas e os arranjos no espaço tem em relação às práticas sociais que aí se dão. Nesse sentido, argumenta que as transformações do quadro da vida social coletiva vêm, gradativamente, modificando o estatuto das práticas sociais e espaciais de forma geral no mundo contemporâneo, o que ele chama de processo de “recoo da cidadania”.

Para o autor, o “recoo da cidadania” é um recoo do espaço público e aponta para os quatro principais processos que engendram este recoo, os quais descreverei a seguir.

O primeiro processo apontado pelo autor é a apropriação privada dos espaços comuns, que se dá principalmente pelos setores informais da economia, como guardadores de carros, camelôs, entre outros, que tomam as ruas e praças e as transformam em mercados, “espaços privatizados”, que tornam seus usuários meros passantes ou consumidores.

A progressão das identidades territoriais é outro processo apontado pelo autor, que seria a territorialização de grupos no espaço público que, segundo ele, negam o ideal de

mistura e respeito deste espaço. Nesse sentido, estes grupos geram uma identidade com aquele espaço que, automaticamente, se diferencia dos “outros” e gera uma tensão entre quem pertence e quem não pertence àquele território.

Ele também cita o emuralhamento da vida social, que é resultado da individualidade exacerbada do homem moderno. Este é entendido por uma sensação de invisibilidade e inacessibilidade para o contato social - proporcionada pelos equipamentos e serviços que contribuem para o confinamento social, como serviços de entrega, compras por telefone e *internet*, etc. - resultando numa vivência, cada vez menor, do espaço da cidade.

Por último, o autor aponta para o “crescimento das ilhas utópicas”, representado pela proliferação de condomínios fechados, que negam a vida social e propõe a homogeneidade, coexistindo naquele espaço seus iguais baseados na renda.

Dessa maneira, vemos que o autor entende que determinadas territorialidades podem ser interpretadas como “recuos da cidadania”, pois o espaço público tem o ideal de ser diverso e democrático.

Porém, entendemos que a visão do autor é utópica em relação aos espaços públicos, com relativo pessimismo em relação ao “recoo da cidadania”. O que vimos em campo e que expomos anteriormente, concordando com Almeida & Tracy (2003), foi que os espaços públicos são dinamizados pelos espaços privados e vice-versa. No caso de Presidente Prudente, dois casos podem ilustrar essa vitalidade do espaço público relacionada com os espaços privados.

O caso da Mancha de Lazer do Bongiovani nos mostra claramente que os estabelecimentos de diversão privados dão grande vitalidade para os espaços públicos, que são amplamente ocupados pelos jovens nos momentos da festa e da diversão. Porém, as ruas, calçadas e praças da mancha são esvaziadas quando não estão funcionando os estabelecimentos de entretenimento noturno.

Já em outra área da cidade, o Parque do Povo – extenso e valorizado espaço público da cidade – foi quem valorizou o seu entorno e, devido ao seu grande poder de atração de fluxos de pessoas, atraiu vários estabelecimentos privados que são impulsionados e sustentados pelos usuários que utilizam este espaço público.

Dessa maneira, buscamos então fazer uma análise deste espaço, partindo da sociabilidade da juventude prudentina, inserida no contexto da festa e da “noite”, levando em consideração os aspectos culturais e socioespaciais – tanto da escala local, quanto das

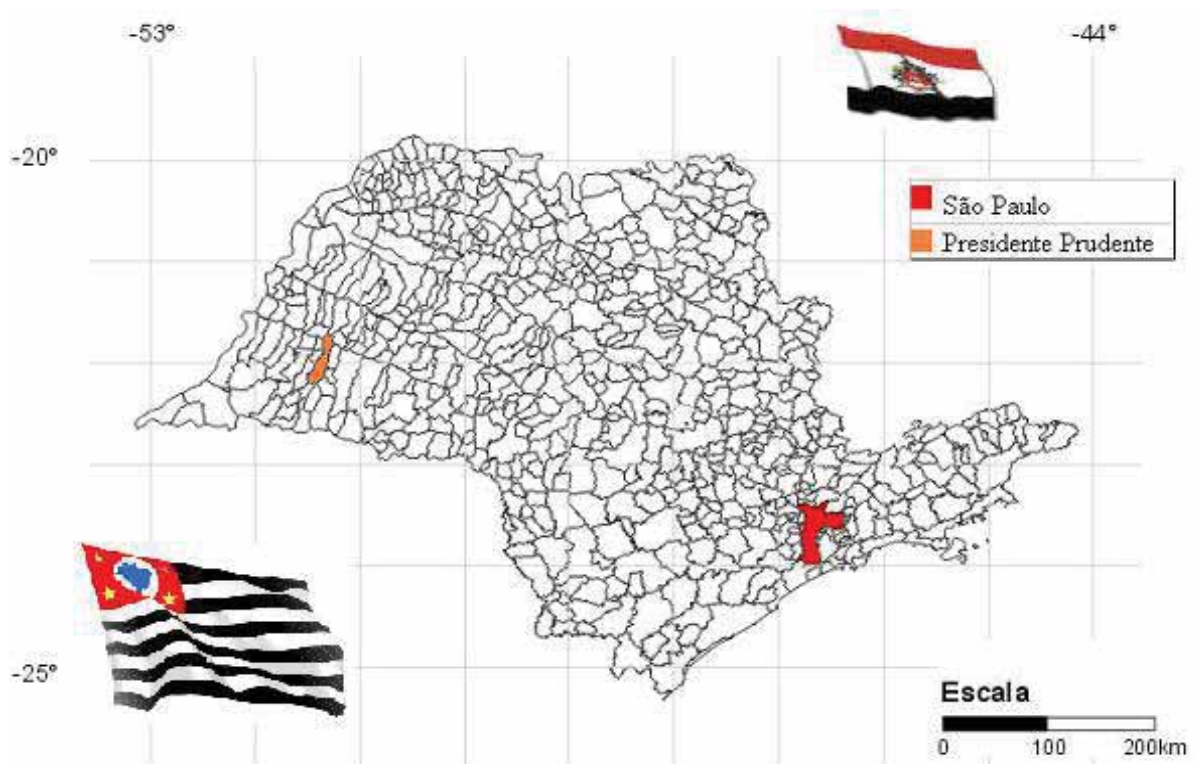
influências dos meios de comunicação de massa, que trazem referências globais - que influenciam e dimensionam as relações nesse espaço, o que nos remete à discussão da territorialidade e das relações de poder e disputa, que ocorrem, principalmente, aos fins de semana, quando a “noite” tem seu maior vigor.

CAPÍTULO 2 - SURGIMENTO DA MANCHA DE LAZER DO BONGIOVANI E SEU CONTEXTO HISTÓRICO

Este breve histórico tem a função de contextualizar a constituição da “mancha de lazer”, em relação à trajetória do bairro Bongiovani e à formação da cidade de Presidente Prudente, no estado de São Paulo. Portanto, o conteúdo aqui descrito não tem a intenção de aprofundar demasiadamente os processos de formação do bairro e da cidade numa conjuntura maior – que já foram discutidos com maior ênfase por autoras como Sposito (1983) e Pereira (1998, 2001) - mas apenas situar o leitor em relação às condições de possibilidade de emergência da mancha de lazer do Bongiovani.

A cidade em que se localiza nosso objeto de estudo é Presidente Prudente, no oeste do Estado de São Paulo, e fica a cerca de 560 km da capital, distância que pode ser observada na Figura 1. Atualmente, Presidente Prudente conta com, aproximadamente, 207.625 habitantes, segundo o Censo do ano de 2010, realizado pelo IBGE.

Figura 1 – Presidente Prudente em relação à capital do estado de São Paulo.
Fonte: Silva, 2008



De acordo com Sposito (1983), o surgimento da cidade foi proporcionado pela vinda das linhas férreas para o sertão paulista. Com a expansão da fronteira agrícola do café, no início do século XX, foi necessário o centro urbano para servir as demandas da economia do campo e de todos seus trabalhadores e moradores, que necessitavam de diversos serviços, ferramentas, comércios, etc. A cidade também foi essencial para viabilizar o escoamento da produção agrícola para a capital, concentrando, ao redor da estação ferroviária, armazéns, comércios e serviços, onde surgiram também os primeiros lotes urbanos.

Sua expansão foi dinamizada pela disputa entre os “Coronéis” Manuel Goulart e José Soares Marcondes, dois grandes proprietários das terras que viriam a constituir a malha urbana de Presidente Prudente. Ambos tinham interesse em vendê-las para a grande leva de pessoas atraídas para o cultivo do café. A linha férrea dividia suas terras, sendo a porção Leste pertencente ao “Coronel” Marcondes e a Oeste à “Coronel” Manuel Goulart.

Essa disputa política e econômica entre os “coronéis” fez do entorno da estação ferroviária (que dividia suas terras) um centro de atração das atividades econômicas que se instalavam na cidade, concentrando comércio e serviços diversos, além de toda a infraestrutura de armazéns, instalada para servir a dinâmica da cultura cafeeira. Consequentemente, a área atraía grande fluxo, tanto dos moradores, como dos viajantes que chegavam pela estação ferroviária.

Por uma série de fatores, entre eles questões de morfologia do terreno e das facilidades de aquisição de terras promovidas pelo “Coronel Goulart” (através de negócios informais e menor burocracia na venda dos lotes), fizeram com que a porção a oeste da estação tivesse maior crescimento, tornando-se o centro principal da cidade. Devido à sua vitalidade econômica histórica, esta área abriga, até os dias de hoje, o centro econômico principal de Presidente Prudente (SPOSITO, 1983).

No processo de ocupação do extremo Oeste do Estado, a cidade de Presidente Prudente se destacou frente às outras cidades (menores) do entorno, configurando uma situação de polarização, que também foi se estendendo e se reforçando ao longo do tempo. Atualmente, ela pode ser considerada uma cidade média, pois se configura como centro regional e sede de uma região administrativa do estado de São Paulo – R.A. de Presidente Prudente – que conta atualmente com 53 municípios, polarizados por Presidente Prudente no que se refere à oferta de serviços e comércio, e também em termos de oferta de saúde pública e de educação superior.

De acordo com Sposito (1983), o bairro Jardim Bongiovani foi implantado no início da década de 1960, sendo, na época, uma área desvalorizada socialmente, de difícil acesso, longe do centro principal e não dotada de grande infra-estrutura. Mesmo com estas características negativas, os lotes tinham preços elevados, o que inibia a aquisição de terrenos por parte das classes trabalhadoras e, dessa maneira, “reservava” estas terras para compradores de maior poder aquisitivo.

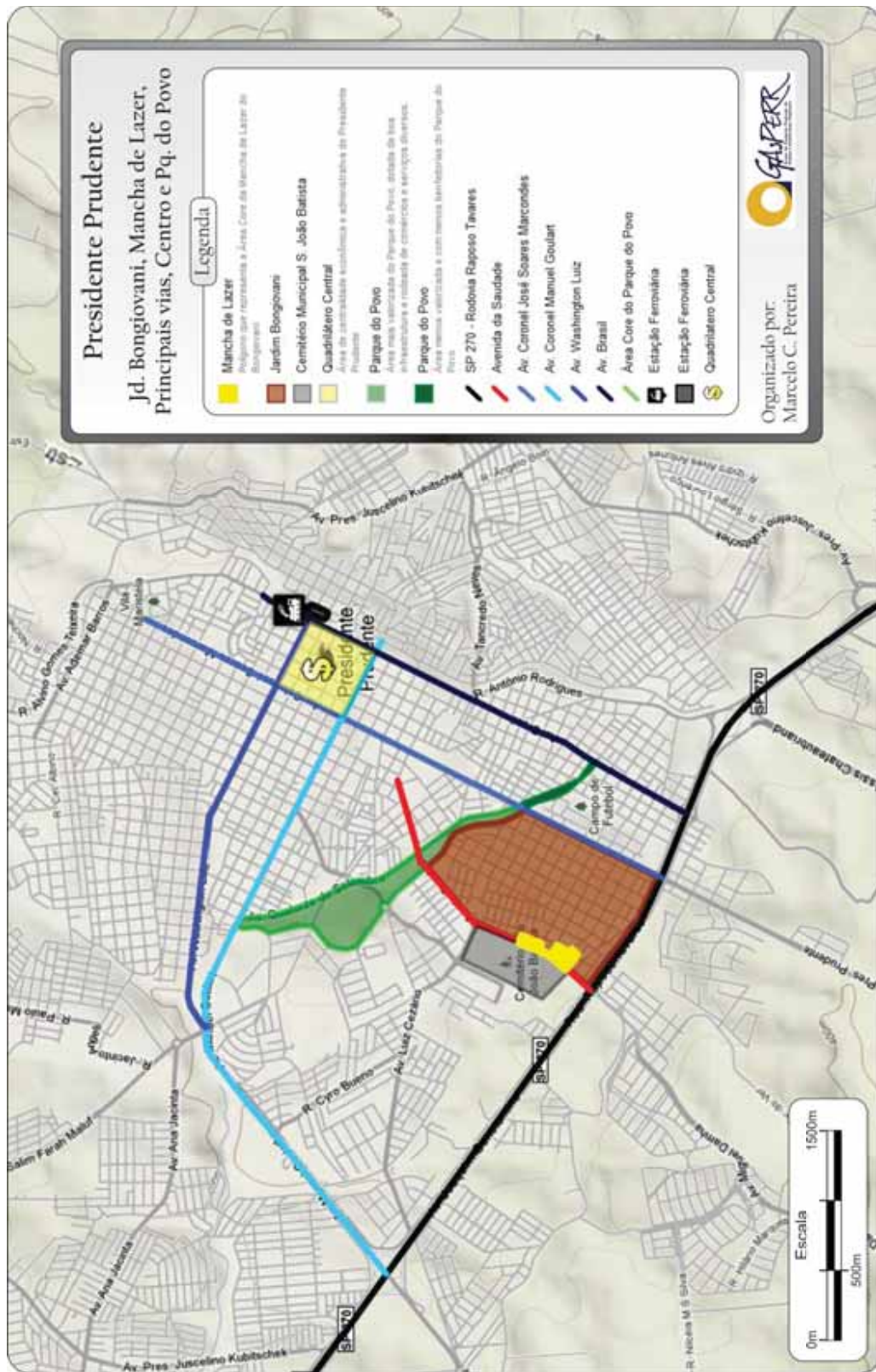
Nessa época, as franjas da malha urbana chegavam até a vertente do Córrego do Veado, em sua porção mais ao Leste, cuja margem era ocupada de forma irregular e espontânea, por uma população de mais baixa renda, devido, inclusive, à desvalorização do local, por conta da carência de infraestruturas. O bairro Bongiovani fica no topo da vertente contrária do referido Córrego, ou seja, um local em que nem mesmo possuía vias de acesso.

Porém, no fim da década de 1960 e no início da subsequente, na gestão do ex-prefeito Sandoval Neto, a Avenida Coronel Marcondes - uma das mais importantes da cidade - foi estendida, superando o Córrego do Veado (que representava um obstáculo natural que dificultava o acesso ao bairro) dando fluidez ao novo loteamento e fazendo sua conexão tanto com o centro como com a rodovia Raposo Tavares (SPÓSITO, 1983).

Nos anos de 1973 e 1974, a canalização do córrego do Veado, que corta a cidade no sentido norte-nordeste – sul-sudoeste, e a construção do “Parque do Povo” – empreendimento urbanístico de caráter público – supervalorizaram aquela área historicamente considerada periférica, bem como as terras (que configuravam certo limite entre rural e urbano) da margem esquerda do Córrego, provocando intensa especulação imobiliária da área (SPOSITO, 1983). Foi quando o Jardim Bongiovani conheceu uma intensificação no processo de venda de lotes e de construções. A localização do bairro, bem como sua situação no espaço urbano e a localização da nossa área de estudo podem ser observados na Figura 2.

Segundo Pereira (2001), o Jardim Bongiovani é, na verdade, um conjunto de bairros, sendo ele o maior, somado a outros menores, que não pertencem oficialmente a ele, mas que fazem parte de um conjunto que é reconhecido como o “Jardim Bongiovani”.

Figura 2 – Presidente Prudente – Jd. Bongiovani, Mancha de Lazer, principais vias, centro e Parque do Povo.



Outro fator que valorizou-o e que foi de extrema importância para que nele se estruturasse um **subcentro**², foi a abertura do bairro “Cidade Universitária”, em função da criação da APEC (Associação Prudentina de Educação e Cultura – fundada em 1972³), mantenedora da atual **UNOESTE** (Universidade do Oeste Paulista – reconhecida como Universidade em 1987⁴) - com terrenos cedidos pela Prefeitura Municipal, o que atraiu muitos investimentos privados, que ajudaram a constituir uma centralidade, com diversidade funcional relevante na cidade, para atender a clientela do bairro, que tem alto poder aquisitivo, além da clientela universitária que, gradativamente, foi se tornando mais e mais presente, inclusive pela própria expansão desta universidade privada.

É na lógica da descentralização urbana que o subcentro do bairro tem sua razão de ser, pois é entendido como um

[...] pequeno centro que, reproduz os estabelecimentos comerciais e de serviços existentes no centro tradicional se constituindo em um sub-centro. O sub-centro é um resultado da reestruturação interna do espaço urbano, sendo um processo bastante característico das cidades contemporâneas (PEREIRA, 1998, p. 83).

Em Pereira (2001), vemos que os subcentros, ao reproduzirem características do centro tradicional, geram também centralidades, que serão tanto mais amplas e importantes à escala da cidade (ou mesmo para outras cidades), dependendo da sofisticação das suas atividades comerciais e de serviços. Estas espalham-se pelo tecido urbano de forma a se concentrar junto aos bairros mais populosos, num comércio popular, e/ou aos bairros de maior renda, com produtos e serviços mais sofisticados.

Nesse sentido, o público universitário, com suas demandas, atraiu diversos empreendimentos, desde papelarias, lavanderias, restaurantes, serviços bancários até a construção do calçadão sobre a Rua José Bongiovani.

O bairro também é dotado de outros serviços e comércios mais sofisticados, direcionados ao público de alta renda e outros de caráter mais geral que, além de servir os moradores e estudantes, atendem também o público de toda a cidade.

² Para aprofundamento da discussão sobre subcentros e sobre o caso específico do subcentro do bairro Jardim Bongiovani em Presidente Prudente – SP, consultar a dissertação “Subcentros e condições de vida no Jardim Bongiovani e Conjunto Habitacional Ana Jacinta – Presidente Prudente – SP (2001)”, de Silvia Regina Pereira.

³ UNIVERSIDADE DO OESTE PAULISTA. <<http://www.unoeste.br/site/auniversidade/Mantenedora.aspx>>

⁴ UNIVERSIDADE DO OESTE PAULISTA. <<http://www.unoeste.br/site/auniversidade/AUnoesteHoje.aspx>>

Encontram-se distribuídas pelo bairro, agências dos correios, garagens de compra e venda de veículos, lojas de móveis e decoração de alto padrão, ateliê de costura, clínicas médicas, empresas transportadoras, distribuidoras de bebidas, relativa concentração de serviços para autos em geral, entre muitos outros, que constatamos em campo. Para exemplificar os investimentos atraídos por conta do **público universitário**, temos estabelecimentos como: restaurantes e lanchonetes, sorveterias, agências bancárias (dentro da universidade), lojas de roupas para universitários dos cursos ligados à área da saúde (roupas brancas, jalecos, etc.), acessórios médicos e odontológicos, imobiliárias, chaveiros, padarias, boutiques, papelarias, serviços especializados em impressões, postos de combustível, *lan houses* (ou *cyber cafés*), conveniências 24 horas, lojas de informática, academias, pizzarias, imóveis direcionados para estudantes (*kitnets*, pensionatos), etc. E, como não poderia deixar de ser, o público universitário, concentrado em torno da UNOESTE, atraiu também investimentos ligados a diversão noturna, como bares, boates, bilhares, etc.

Foi nesse contexto que se formou a “**mancha de lazer**” do Jardim Bongiovani, pela coesão de estabelecimentos voltados à diversão noturna. A noção de “mancha” pode ser entendida como

[...] área contígua do espaço urbano dotada de **equipamentos** que marcam seus limites e viabilizam – cada qual com sua especificidade, competindo ou complementando - uma **atividade ou prática predominante**. Numa *mancha* de lazer os equipamentos podem ser bares, restaurantes, cinemas, teatros, o café da esquina etc., os quais, seja por competição ou complementação, concorrem para o mesmo efeito: constituem pontos de referência para a prática de determinadas atividades [...] (MAGNANI, 1996, p. 40 e 41, grifos nossos)

Essa coesão espacial em relação às atividades e práticas desenvolvidas em determinado espaço conseguem gerar centralidade de fluxos para a mancha, que passa a se tornar uma referência para um grande número de pessoas que vivem na cidade (MAGNANI, 1996).

Nesse sentido, percebemos que, aquilo que o antropólogo urbano Magnani chama de mancha, na Geografia, se aproxima dos conceitos de centro e centralidade. O que marca a diferença aí é que, este autor considera um tipo específico de “atividade ou prática predominante”, aquelas ligadas ao lazer noturno, sobretudo da juventude urbana, temática ainda pouco abordada na Geografia Urbana Brasileira.

Segundo o autor, a “mancha de lazer” é uma categoria

[...] proposta para descrever um determinado tipo de arranjo espacial, mais estável na paisagem urbana[...], resultado da relação que diversos estabelecimentos e equipamentos guardam entre si, e que é o motivo da afluência de seu público está mais ancorada na paisagem do que nos eventuais frequentadores. [...] A mancha é mais aberta, acolhe um número maior e mais diversificado de usuários, e oferece a eles não um acolhimento de pertencimento, mas, a partir da oferta de determinado bem ou serviço, uma possibilidade de encontro, acenando, em vez da certeza, com o imprevisto: não se sabe ao certo o que ou quem vai se encontrar na *mancha*, ainda que se tenha uma idéia do tipo de bem ou serviço que lá é oferecido e do padrão de gosto ou pauta de consumo dos frequentadores. (MAGNANI, 2005, p. 178)

A formação de “manchas” no espaço é muito comum, quando determinados espaços se especializam para atender um público específico que, ao buscar determinado serviço ou mercadoria, procura certas áreas do espaço urbano que tem predominância daquele tipo de estabelecimento, tendo um leque maior de opções que se localizam próximas umas das outras e tornam mais fácil o próprio consumo. Os limites das manchas são definidos pela própria espacialidade dessas estruturas, que atendem estas demandas específicas e vão delimitando suas fronteiras no espaço em que predominam estas atividades.

Nosso interesse de estudo recai, portanto, sobre uma “**mancha de lazer noturno**”, aquela que se formou no Jardim Bongiovani, um espaço especializado para atender as demandas de entretenimento noturno, voltado para um público predominantemente jovem, que se deu através da coesão espacial entre os estabelecimentos (casas noturnas, bares, boates), que juntos, conseguem atrair grande público, cujo interesse comum – se divertir – produz esta centralidade do lazer noturno na cidade de Presidente Prudente.

O primeiro empresário da noite por nós entrevistado⁵ – que chamaremos de Entrevistado 1, pois prefere não ser identificado -, nos confirmou que esta mancha de lazer pode ser considerada a primeira referência de entretenimento noturno da cidade, tendo em vista que foi nela que começaram a surgir as primeiras casas noturnas, no início da década de 1990, num contexto em que havia pouquíssimas outras opções de lazer noturno em Presidente Prudente, a não ser alguns casos isolados e sem o caráter de “casas noturnas”, como certos bares e petiscarias, localizados de forma dispersa pelo espaço urbano.

⁵ Entrevista realizada pelo autor e pelo professor Nécio Turra Neto, no dia 31 de Março de 2011, no calçadão da UNOESTE.

Não por acaso, a mancha situa-se nas proximidades da maior universidade particular da cidade, a UNOESTE, visando atender o público jovem de classe média/alta estudante da referida instituição.

Ainda segundo o Entrevistado 1, inicialmente, as boates pretendiam atender a clientela universitária, que morava no entorno da UNOESTE. Seu início se deu com uma primeira boate principal – Coquetel –, que atraiu os olhares de outros investidores, tendo em vista seu grande êxito. Dessa maneira, o entorno da boate, acrescido com novos estabelecimentos, também voltados para a diversão noturna, tornou-se, em pouco tempo, uma forte centralidade de lazer noturno e tinha um poder de atração de um público predominantemente jovem, de toda a cidade e mesmo da região, sobretudo aos finais de semana, ou seja, para além do público universitário estudante e/ou morador do Jardim Bongiovani.

No decorrer dos anos, novas casas noturnas se instalaram no local, reforçando esta centralidade. A década de noventa foi marcada pelas poucas e grandes boates e bares da mancha (Como a Zimmer, Bohêmio e Coquetel), que foram desenhando um cenário da diversão noturna direcionada para uma classe mais abastada, com festas para o público jovem, que podia consumir um entretenimento de preço mais elevado, criando um ambiente que é chamado, na linguagem dos jovens, de *point*. Ao mesmo tempo, criou-se uma representação de que se tratava de um espaço e de um modo de diversão altamente seletivos do ponto de vista dos frequentadores, ou seja, era um *point* de grande *status*.

Com o tempo, ela foi se tornando **referência de diversão noturna** e passou a atender públicos de toda a cidade, porém, com tipos de entretenimento e preços voltados para a classe média e média alta. Em entrevista com Rodrigo Storti⁶ - promotor de eventos e empresário da noite, que conhece a dinâmica da vida noturna da mancha de lazer do bairro, desde 1997 -, pudemos perceber estas características de seletividade social, tal como aparece no trecho transcrito a seguir:

*[...] a primeira balada do Bongiovani foi o **Coquetel**, em 1992-93. Foi quando tudo começou. Era somente um bairro residencial com uma faculdade ali dentro na década de 1990, mas não tinha barzinho, não tinha nada. O **Coquetel** entrou, começou com isso, daí veio a **Zimmer** [Boate] como concorrente, veio o **Bohemio** como bar, veio o **Zapping Bar**, que era um público estudante [...]*

⁶ Entrevista realizada pelo autor com empresário da noite Rodrigo Storti, no dia 3 de Maio de 2011, em sua própria casa, no Jardim Bongiovani.

*[...] Eu estou aqui desde a época do **Coquetel** [boate] na esquina, na qual eu fui promotor. Depois fui Gerente da **Dienda** [boate], no mesmo local, que era top. Era a melhor boate de Prudente, com anexo, etc.*

A boate Coquetel durou 11 anos e inaugurou em 1992-93 mais ou menos. Eu fui ser promotor dela quando eu cheguei em Prudente, em 1997-98.[...]

*[...] Nessa época, não existia nem a **Zimmer** (boate). A **Zimmer** foi inaugurada em 1999, mais ou menos, aí viraram duas concorrentes. Eram boates top, só frequentada pela nata prudentina.*

*A **Zimmer** tinha a **Quarta-Universitária**, onde quem tinha carteirinha de estudante não pagava pra entrar! E era só dupla sertaneja e era top. Aí quando era mais ou menos 2000... 2001, a Zimmer ficou muito forte. Ela cresceu muito! Ela começou a derrubar o Coquetel, que tinha já uns 8 anos de mercado, não era mais novidade.*

*A Zimmer abria com frequência! Não era assim... que ficava só alugando para festa. Todas Sextas e Sábados ela abria com **baladas nervosas! Lotava!***

Aí o Coquetel enfraqueceu e começou a ficar com dívidas. Depois de 10 ou 11 anos, o Coquetel fechou por dívidas, próximo de 2002-2003 ele fechou.

*Ali em baixo [na baixada da Avenida da Saudade, um dos pontos mais importantes da mancha] só tinha isso, mais daí surgiu o **Bohemio**, que era um bar, que conseguiu segurar a galera lá.*

*O Bohemio, no começo, era top, só frequentado pela nata prudentina. Tinha a **quinta-neja**, era aberto, não tinha aquele fechamento!*

*Era com o palco no fundo de frente pro pessoal na rua. Só dava **universitário!** ... Tanto que a banda chefe lá era a D3 [banda reconhecida na cidade] que mandava um **Pop-Rock** e também a **dupla sertaneja** João Marcelo e Juliano, que pegaram uma sequência de uns 2 meses tocando. Só dava top! Pessoal bonito, estudante, classe A prudentina, galera que gastava.*

A influência do público universitário, na época, é evidente aos olhos deste empresário da noite, que relata que, no período das férias, a maioria das casas sequer abria as portas, pela baixa expectativa de movimento, com a ausência dos estudantes na cidade.

O fluxo de jovens, principalmente, aos fins de semana foi intenso durante esse período dos anos 1990, aparentemente ganhando ainda mais força na transição para os anos 2000, com a chegada de outras boates grandes que, além de serem **novidades** – elemento muito importante na “cultura de la noche”, para usar a expressão de Margulis (1997) –, faziam com que as casas noturnas mais antigas desenvolvessem estratégias para atrair o público, deixando a mancha repleta de festas e “brilho”, tornando-se, de acordo com expressões de Diógenes (2008), um “espaço luminoso” do “espetáculo urbano”, no período da noite, nos dias de festa.

O cenário foi se modificando com os anos e, a partir de meados da década de 2000 já havia sinais de decadência e perda da “centralidade de diversão” para outras áreas da cidade, visto que, anteriormente, a mancha de lazer do Bongiovani era a maior referência e, praticamente, a única opção de diversão noturna da cidade.

Aparentemente, a disputa pelo público foi importante para que a vitalidade da noite se mantivesse por mais tempo, porém, a monotonia começou a chegar no Bongiovani e, com o desenrolar das semanas, meses e anos, as casas já não chamavam tanto a atenção do público da classe média-alta, que começou a ficar ainda mais inibido com a chegada – inicialmente sutil – de novos **atores** no **cenário** da diversão noturna do bairro: os jovens das periferias pobres de Presidente Prudente.

Para Rodrigo Storti, na sua entrevista, a fama de “lugar da alta classe” era disseminada entre os jovens de periferia pobre da cidade, que não se sentiam inseridos nesse contexto. Porém, existia a vontade de **fazer parte** daquilo que era entendido por eles como a **forma de diversão tipicamente juvenil**. Ideias estas ventiladas pela grande mídia, que dissemina “**modelos de ser jovem**”, normalmente atrelados a uma visão da classe média/alta, segundo Dayrell (2005).

Esses modelos, por sua vez, estão vinculados com estilos de vida pautados no consumo e em práticas que exigem uma renda maior do que a da maioria esmagadora dos jovens do país, que não tem condições financeiras de consumir os símbolos e signos atrelados ao ser jovem (DIÓGENES, 2008; DAYRELL, 2005).

Diógenes (2008), que pesquisa a juventude pobre das periferias de Fortaleza, uma das grandes metrópoles brasileiras, mostra-nos que o consumo desses símbolos é uma forma de se territorializar na cidade e se inserir socialmente através da estética, que ela entende como “estética juvenil globalizada”, que vende marcas e estilos usados no mundo todo, mas que são incorporados e “ressignificados” pelos jovens em seus contextos locais. Ser jovem, para os jovens pobres, moradores dos espaços segregados, seria: “Consumir a cidade da qual foram banidos, realizar sua inscrição nos registros dos quais foram proscritos, adornar-se com os elementos estéticos dos quais foram expropriados [...]” (DIÓGENES, 2008, pág. 41).

A autora também nos mostra que, apesar dos desejos e investimentos no campo do consumo, pelo qual adornam-se com as marcas da “estética juvenil globalizada”, a realidade da maioria desses jovens é uma forçosa e precoce inserção no mercado de trabalho, por conta de sua condição de pobreza. Essa condição, muitas vezes, os força a fazer investimentos que,

para eles, são imensamente altos, na compra desses “símbolos” de consumo jovem, para tentar se incluir de alguma maneira no universo da cultura juvenil.

Estes elementos também são notados na mancha, onde a presença incipiente destes jovens das periferias pobres de Presidente Prudente começou a ser percebida nos últimos anos, a partir de 2008 (aproximadamente), quando estes começam a frequentar a mancha de lazer do Bongiovani, na tentativa de fazer parte daquele circuito, mesmo sem consumir nada ou entrar nas casas, mas apenas para “**ver o movimento**” e se fazer visível.

Estas incursões dos jovens da periferia pobre⁷ no Bongiovani, que era tido como “nobre”, começava a ficar cada vez mais recorrente. Vinham de qualquer maneira: à pé, de bicicleta, de ônibus, moto e carro. Mesmo não entrando nas casas, ocupavam os espaços públicos das ruas, a praça e calçadas da mancha, gerando tensão em relação ao público universitário e de classe média-alta.

Essa tensão entre públicos diferentes acabou gerando certo desconforto por parte do público tradicional da mancha, que, além de inibido a frequentar as casas noturnas do Bongiovani, também “não queriam se misturar” com estas pessoas de outras classes sociais, segundo nossos entrevistados. Dessa forma, começou a circular no imaginário das pessoas da cidade uma nova imagem do lazer noturno do Bongiovani. Aquela centralidade primeira e mais tradicional do lazer noturno prudentino passara a ser um local “perigoso”, que agora era frequentado pelos “**pagodeiros**”, “**povão**”, “**vileiros**”. Visões carregadas de preconceito, que estigmatizaram a mancha e o próprio público que passou a frequentá-la.

Dessa maneira, as casas noturnas, que tinham suas atrações e espaços direcionados para um público mais abastado, com suas preferências peculiares, agora começavam a se encontrar vazias e a ter prejuízos. Os mais conservadores quanto às estratégias de atrair seu público acabaram fechando as portas e os que persistiram tiveram que se adaptar à essa nova realidade da noite do Bongiovani.

Nosso Entrevistado 1 afirma que essa evasão do “povo bom” – em relação aos consumidores antigos – está atrelada à entrada do “**pagode**” e da “**popularização**” da

⁷ A questão de enfatizar o termo “periferia pobre” nos remete à outra discussão de centro-periferia, tendo em vista que, atualmente, existe uma lógica inversa da população de alta renda buscar os condomínios de alto padrão, que ficam, via de regra, em áreas periféricas da cidade, afastados das áreas centrais. Estes empreendimentos vendem estes espaços com uma roupagem de “qualidade de vida”, do fato de estar mais próximo do “verde”, da “natureza”, do silêncio e tranquilidade, fugindo do estresse do centro, além da sensação de segurança, que é provida pelos muros altos, cercas elétricas, vigilância 24 horas, portaria controlada, monitoramento com câmeras e etc. Portanto, ao usarmos “jovens de periferia”, nos remetemos aos jovens de baixa renda dos bairros pobres da periferia de Presidente Prudente – SP.

mancha, concordando com a visão de Rodrigo Storti. Ele identifica também outros fatores menores, que também contribuíram para tal popularização.

Dentre estes fatores, podemos citar algumas ações do governo municipal, que “atrapalham as casas trabalhar”, como mudança de sentido das ruas (que dificultava o fluxo), proibição de estacionamento ao longo das faixas amarelas (feitas em algumas ruas da mancha), coerção policial e recorrentes *blitz*, multas à veículos com som, falta de iluminação pública, pouco cuidado com o espaço público (em especial à praça), problemas com as associações de bairro, etc.

O Entrevistado 1 vê a chegada desse novo público de forma negativa, atribuindo à ele a formação de um novo cenário, como podemos perceber no seguinte trecho de sua fala:

[...] e outra coisa que começou a cair [o movimento do público classe média/alta] foi o que eu falo... os pagode né? [...] ficou ruim, ficou ruim!

Dai começou a trazer Bonde do Tigrão [grupo de funk], só piriguete, só ponta de vila ali... só periferia... muita droga!

Quantas vezes lá embaixo jogaram uma garrafa na viatura e começou a ter tiro de borracha [...] muita bagunça! Virou aquela bagunça! [...]

Ele ainda fala que a mancha em seu auge tinha muito mais atividades, funcionando a partir de quarta-feira até os dias de domingo, diferente do que se vê recentemente, quando seu movimento com mais vigor acontece somente no começo do mês – devido ao recebimento de salários dos jovens – e quando os estabelecimentos só abrem as portas nas sextas e sábados, ficando somente um estabelecimento aberto nos outros dias, como quartas e quintas-feiras. Este seria o último bar da mancha, com karaokê e mesas de sinuca (bilhar), chamado Enkantos Beer, que funcionou desde 1998, entrando em decadência nos últimos anos e, recentemente, em meados de 2012, fechou suas portas.

Com o público universitário e classe média/alta afastado das ruas da mancha e o novo público de renda mais baixa das periferias pobres de Presidente Prudente cada vez mais presente, as casas que persistiam e permaneciam abertas tiveram que mudar suas estratégias para atrair esse novo público, que ainda se inibia com a ideia de entrar nas boates e bares do Bongiovani, tidas como “chiques” e “caras”, talvez gerando até um desconforto ou sensação de inadequação, por parte deste novo público, como vemos no trecho da entrevista de Rodrigo Storti, transcrito a seguir:

[...] *É... eles tiveram uma brecha em alguma das casas e essa brecha fez eles ganhar força! Depois dessa [brecha] que eles entraram, eles foram dominando.*

*O Aldeia [Bar e depois Boate] foi o primeiro que veio pra concorrer e com isso foi tendo **a invasão** né? Tanto de rua quanto de casas [noturnas]!*

Eles perderam a vergonha de descer pra cá! Essa é a verdade!

*Existia uma mística! A “Mística Bongiovani Bairro de Estudante” existia lá na vila deles, e, então, eles não vinham pra cá. **Eles sabiam que aqui não era reduto deles.** Que aqui tudo era mais caro, tudo era diferente da realidade deles e eles ficavam no bairro deles.*

*Quando o **Aldeia** entrou com esse pensamento ali, eles, lá na vila deles, **estavam sem opções de diversão.***

Nada mais que butequinho par sentar e beber uma. Mas em termos de balada eles não tinham lugar pra ir.

*O que que aconteceu? Quando o **Aldeia** anunciou que eles podiam ir ali, eles desceram em peso e **dominaram o espaço.** Como ninguém tirou eles dali, eles foram aumentando, aumentando... Hoje existe muito mais gente pobre do que rica não é? A porcentagem é muito maior da classe baixa. Isso ai é questão de nível Brasil. Então, onde você vai, tem mais pobre do que rico, então eles ganharam força.*

*Viram que dava pra entrar em **Zimmer**, que dava pra entrar em **Aruba** [Bar e depois Boate], que dava pra entrar em **Bohemio** [Bar], coisa que lá na vila deles chegava como lugares top [...]*

Nesse trecho, o próprio entrevistado salienta que havia uma percepção daquele espaço, que foi se transformando aos poucos. Mostra também o desejo de diferentes classes sociais em “consumir” determinados lugares que, para os jovens pobres, eram espaços inacessíveis. Quando estes se popularizaram, os jovens de baixa renda “vieram em peso” para consumir também esses produtos culturais de consumo jovem, da “balada” e da “noite”, que antes lhes eram negados.

Essa adequação das casas aconteceu num período mais recente, entre os anos de 2009 e 2010, quando a decadência dos modelos de diversão noturna do Bongiovani, para o público mais abastado, tornou-se inevitável, diante da presença predominante de um novo público, com outro padrão socioeconômico e cultural, demandando outras pautas de diversão. Como se percebe no trecho de entrevista acima, esta passagem não se deu de um só golpe e sem contradições, mas foi lenta, gradual e conflitiva. A princípio, as ruas e outros espaços públicos foram ocupados pelos jovens de periferia que, posteriormente, começaram a entrar também nas casas noturnas.

O primeiro estabelecimento que veio atender este público foi a “Aldeia”, que empregou a estratégia de incorporar o *funk* e o pagode, como forma de atrair público e a cobrar preços mais acessíveis, tanto das bebidas como da entrada, que muitas vezes era franca. As primeiras tentativas trazendo **funk e pagode** tiveram êxito, atraindo muita gente para a mancha, o que deu início a um processo que começou a desmitificar o antigo *status* do Bongiovani, como lugar de diversão de jovens universitários, ligados a classes sociais privilegiadas. Isso foi vagarosamente modificando as casas noturnas e bares da área. As que permaneceram abertas, ou abriram posteriormente, tiveram que se adaptar ao novo cenário, e quando não, acabavam fadadas ao fracasso.

No trecho seguinte da entrevista de Rodrigo Storti, ele fala sobre o início do arrendamento da casa que administrava no período de saídas de campo (Dezembro 2010 a Maio de 2011), o **Cantho Iguana**, que tinha a intenção de atender o público antigo, mas se viu obrigado a modificar suas estratégias para não falir:

*[...] eu assumi com um pensamento de resgatar o **público legal**. Quando eu comecei, só tocava sertanejo, não tocava pagode, nem funk.*

A casa inaugurou com uma dupla sertaneja conhecida: Munhoz e Mariano. A casa tem um ano! Inaugurou dia 19 de Maio de 2010. A concepção dela e o que eu ia oferecer foi ser uma casa sertaneja, com um público universitário!

Mediante ao Bohemio na época estar com um público bem “baixo”, tava dando gente nada haver... E tinha o Aldeia lá do outro lado com funk e essas coisas.

Então, eu fiquei no meio do sanduiche! O que que aconteceu? Eu não consegui alcançar o meu objetivo... algumas festas até deram certo porque eu fiz parcerias com algum curso [universitário], que acabou dando certo. Mas isso não era suficiente para sustentar a casa.

Com 6 meses que eu estava com a casa, eu cheguei num dilema: “Se não podes com eles, junte-se à eles”. Eu sou comerciante! Se eu tivesse uma loja de roupa masculina e não tivesse vendendo, eu ia por a feminina também, porque eu não posso ficar só com a masculina, até quebrar.

*Então, eu fiz uma parceria com três meninos, que são do **samba**. Como eu não sou um entendido, eles entraram com uma parceria, mas são funcionários da casa, não sócios.*

*Em troca do que eles arranjam de mídia pra mim e chamar a galera, eu dou uma porcentagem por noite pra eles do que dá [rende] a casa. Então, **hoje virou uma casa de samba e pagode**, porque puxa esse público e tá dando certo.*

*Ela veio primeiro com o trabalho de **despoluir o pensamento** de não entrar lá dentro. Porque o povo de classe C e D não entrava dentro do Aruba,*

*porque viam que era uma “casa top”. Quando eu assumi o **Cantho Iguana**, viram que só tocava sertanejo! Quando eu comecei a chamar eles pro pagode, eles não iam, porque eles achavam que tudo lá era muito caro, que era muito chique, que lá não era lugar pra eles.*

*Hoje eu consegui mudar a concepção. Mostrei pra eles que o preço de bebida que eu cobro lá dentro é popular e que a casa acolhe eles bem. Então, hoje eles são frequentadores assíduos, a casa só tá aceitando esse tipo de festa, até porque é o que tá virando [dando certo], então **hoje é casa de Samba**.*

*E hoje, graças a Deus, a casa deu uma erguida boa e tá trabalhando no verde. E era uma casa que tinha data pra fechar, porque desanima né? Porque não adianta martelar, martelar e não ir a lugar nenhum. E hoje não né? Hoje, a realidade dela é essa! **Vai ficar aberta até começar a cair**.*

Podemos ver que, do ponto de vista do dono da casa noturna – que outrora foi um dos universitários de classe média que frequentava a mancha e depois virou empreendedor –, este público periférico dá dinheiro e sustenta a casa, mas não é o “público legal” que ele esperava, que seria o público classe média-alta, universitário e “sertanejo”, mas o público ao qual sua casa teve que se adaptar, e que hoje sustenta seu negócio.

Vemos também que a territorialidade do público periférico começa a mostrar seus traços, conseguindo inibir o público classe média, que sabia que já não pertencia mais àquele espaço neste novo momento. Isto mostra as marcas identitárias que o espaço adquire ao longo do tempo que, outrora, inibiu este primeiro de frequentá-lo. Logo, este espaço ganhou as marcas do público periférico, inibindo o público de classe média-alta a voltar a frequentá-lo.

Falando de sua dificuldade para adaptar o seu estabelecimento e conseguir atrair o novo público, nosso entrevistado retrata bem o período de transição. Inicialmente, ele tentou resgatar o público antigo, mas, mesmo com esforços e parcerias com os cursos universitários, não teve sucesso, pois o novo público agora havia se territorializado. Assim, o espaço recebeu – da sociedade em geral, e em especial dos jovens –, as mesmas marcas dos estigmas que geralmente são atribuídos aos jovens pobres, moradores das periferias. Isto afastou a classe média/alta e acaba forçando o proprietário a mudar de estratégia para manter as portas da casa abertas.

Com isto posto, podemos pormenorizar as experiências vividas em campo, entre o final do ano de 2010 e meados de 2011, contando com o auxílio do diário de campo e das lembranças, constantemente reconstruídas e reanalisadas, a cada leitura, e interpretação dos registros feitos em campo, para dar conta de traçar uma história mais recente da mancha de

lazer do Bongiовani, em que pudemos presenciar novas transformações, mas também permanências na dinâmica da vida noturna desta centralidade urbana.

CAPÍTULO 3 - SOBRE A METODOLOGIA

A metodologia adotada teve como primeiros passos o **levantamento bibliográfico** sobre as principais temáticas e conceitos que envolvem os estudos das juventudes e sobre os processos históricos, que envolviam a conformação da “Mancha de Lazer” do bairro Bongiovani, fazendo buscas no acervo da FCT Unesp de Presidente Prudente, na internet, além das leituras sugeridas pelo orientador da pesquisa.

A leitura do material levantado tem sido feita desde o início das atividades e continuaram no decorrer da pesquisa, ao passo que, ao surgirem novas situações e questionamentos, durante o processo de pesquisa e incursões de campo, buscávamos novas referências que pudessem suprir estas necessidades.

As leituras foram **fichadas** sistematicamente e **debatidas** com o orientador e com o grupo de estudo sobre juventudes⁸, sendo de extrema importância para a sedimentação dos principais conceitos e, por conseguinte, para a construção de um referencial teórico bem fundamentado.

A elaboração da metodologia de pesquisa foi norteadada por obras de diversos autores, que fazem estudos acerca das juventudes, orientando, então, as metodologias de campo, registro dos dados, técnicas de entrevista e questionário, de observação, etc.

Concordando com Turra Neto (2008), podemos perceber que na Geografia existem algumas “lacunas” quanto às metodologias relacionadas às “manifestações da cultura no espaço” e dos estudos sobre as “juventudes”, o que nos obriga a alicerçarmo-nos, então, em outras áreas do conhecimento.

Estar em campo estudando as dinâmicas socioespaciais das juventudes não é tarefa fácil, sobretudo, do ponto de vista metodológico, pois os métodos e suas metodologias não conseguem contemplar “o todo”, que é extremamente complexo, necessitando, assim, de uma multiplicidade metodológica que seja coerente com as investigações na tentativa de ser o mais abrangente possível.

Além do mais, não conhecemos ainda autores que tenham metodologias totalmente adequadas para estes estudos, mostrando, na maioria dos casos, uma construção metodológica “artesanal”, “no qual cada trabalhador produz as teorias e métodos necessários para o trabalho

⁸ Grupo informal, organizado a partir dos bolsistas e alunos vinculados ao Programa de Formação Complementar, orientados pelo professor Nécio Turra Neto, vinculado ao GASPERR.

que está sendo feito” (BECKER, 1994, *apud* DIÓGENES, 2008, p. 62) e continua ao longo da investigação.

Nossa experiência foi parecida, sendo nossa metodologia construída e adaptada conforme surgiam as adversidades e os imprevistos, tendo em vista que, mesmo tendo lido experiências e estudos similares na área, nunca sabemos o que realmente encontraremos na realidade. Este caminho pode ser encontrado na construção metodológica de vários autores, que investigam as juventudes, como Almeida & Tracy (2003), Carrano (2002), Diógenes (2008), Turra Neto (2004, 2008), entre outros.

Algumas destas técnicas e metodologias, das quais usufruímos, mais tradicionalmente utilizadas na Antropologia, História e Sociologia, vem contribuir para o estudo das juventudes na Geografia, tema que ainda é pouco explorado pelos geógrafos. Estes podem contribuir com estes estudos, tendo em vista sua preocupação com a dimensão espacial e territorial.

Algumas metodologias de campo, em especial, merecem um destaque em sua descrição, visto a importância que tiveram na produção das informações pelas quais construímos este relatório. Passamos então a apresentá-las.

3.1 – METODOLOGIA DE CAMPO⁹

Nas saídas a campo, o contato com o “outro” é inerente e este causa certo estranhamento inicial, como não poderia deixar de ser, tendo em vista os diferentes contextos que estão inseridos os grupos ali presentes e o pesquisador.

Essas saídas de campo são balizadas pela **Observação Participante**, que pode ser entendida como:

[...] um processo pelo qual mantém-se a presença do observador numa situação social com a finalidade de realizar uma investigação científica. O observador está em relação face-a-face com os observados e, ao participar da vida deles, no seu cenário natural, colhe dados. Assim, o observador é parte do contexto sob observação, ao mesmo tempo modificando e sendo modificado por este contexto (SCHUARTZ & SCHUARTZ, apud TURRA NETO, 2008, p.375).

Esta é uma metodologia em que o pesquisador interage com os sujeitos sociais e entra em contato direto com a sua realidade. Esse contato dá espaço para uma percepção da subjetividade das relações ali decorrentes e também pode proporcionar uma troca de experiências, que alterem tanto o pesquisador quanto os sujeitos pesquisados.

Nossa proposta, contudo, não foi realizar um mergulho em um grupo específico de identidade bem delimitada, como é tradicional nos estudos etnográficos da Antropologia, mas sim construir um panorama geral de todos os grupos que compõem a mancha de lazer do Jardim Bongiovani, buscando compreender os conflitos internos inerentes ao contato desses grupos, dentro da mancha, e suas projeções no espaço.

Nossas experiências de campo e as impressões que tivemos no decorrer do tempo foram gerando sensações e questionamentos novos. Porém, quando nos propomos a fazer este estudo, esperávamos justamente encontrar uma diversidade de grupos identitários bem delimitados, coexistindo – por vezes de forma conflitiva – na mancha de lazer. Mas, o que encontramos foi um público relativamente homogêneo (como detalharemos posteriormente), o que mudou um pouco o nosso antigo foco de entender as tensões entre os grupos, nos

⁹ É importante dizer que todas estas experiências vividas durante a investigação foram de caráter pessoal, sendo inevitável a redação de alguns capítulos deste trabalho conter expressões em primeira pessoa, relativas às sensações e maneiras de perceber a realidade que ali estava posta para observarmos, sendo de extrema importância relatá-las de maneira fidedigna para a melhor compreensão do leitor.

direcionando no sentido de apenas compreender como se davam as relações daquelas pessoas com o espaço.

Ao longo das saídas de campo, houve sempre uma sensação de deslocamento e também certo estranhamento por parte dos jovens da mancha, pois mesmo que não houvesse uma hostilidade explícita, era perceptível que a presença de um estranho não era bem vinda pela maioria.

Presume-se que isso se deu pelo conflito de referências culturais minhas e das pessoas que ali estavam, pois, como veremos mais adiante, no universo juvenil, a aparência é uma forma semiótica de comunicação, na qual os jovens expressam suas filiações identitárias, além dos “estigmas territoriais”, que vão além dos próprios símbolos e signos de consumo, mas que são carregados diretamente no “território corpo” (DIÓGENES, 2008).

As **observações de campo** merecem certo cuidado em estudos sociais, pois, no nosso caso, o pesquisador está em contato direto com o objeto de estudo, que são os jovens na mancha de lazer. Esse contato e presença do pesquisador no espaço de estudo podem interferir no comportamento dos agentes ali presentes, sendo o contrário verdadeiro. Isso remete à preocupação de nossa parte com alguns detalhes que podem influenciar no resultado da pesquisa.

Seguindo as orientações de Turra Neto (2004), deve-se tomar cuidado para “não se tornar um [membro] do grupo”, atentando para os riscos de, com o tempo, não notar que a percepção crítica está sendo alterada pela opinião do grupo de pessoas que se estuda. Esta é uma questão relevante, pois, há uma tendência de consonância de opiniões, a partir da convivência com os grupos, e que deve ser evitada.

Porém, no nosso caso, não houve essa aproximação profunda do pesquisador com os atores sociais, afastando um pouco esse risco das nossas experiências. Essa aproximação, na realidade, foi muito pequena e difícil - por conta da pouca abertura que os jovens da mancha nos davam - ainda mais dificultada pelo fato da ausência de um grupo mais específico (no sentido identitário) e unido, que pudesse ser investigado. Os pequenos grupos que se formavam, normalmente, eram de (poucos) amigos (em torno de 5 pessoas), que não facilitavam nossa aproximação e se sentiam – talvez mais do que eu – inibidos a estabelecer um diálogo.

Outra recomendação de Turra Neto (2004) sobre a observação participante, por exemplo, é evitar o academicismo - o que pode inibir o contato e dificultar a “entrada” do

pesquisador no grupo. É sinalizado que esta entrada pode ser demorada e que, via de regra, causa certo deslocamento por parte do pesquisador no período inicial, mostrando ser necessário, na antropologia social, certo estranhamento, tal como afirma Turra Neto (2004), com base em Da Matta (1978).

Nesse sentido, as diferenças de minhas referências culturais e a dos jovens da mancha causaram, sem dúvida, estranhamento e distanciamento. Os jovens da mancha são, em sua maioria, afrodescendentes e tem como referências culturais, de maneira geral, o samba, o pagode, o *funk* e o *rap*. Enquanto eu, jovem (à época com 21 anos), caucasiano, com referências estéticas que remetem ao universo do *rock* (cabelos compridos e barba), mesmo que tentasse ser discreto usando roupas “neutras” (calça jeans, tênis e camisetas de cores variadas, sem qualquer estampa), acaba contrastando nitidamente com o público, sendo evidente que eu não pertencia àquele universo cultural.

O estranhamento da minha parte foi sendo superado com as saídas de campo, conforme fui compreendendo as formas de diversão e comportamento daqueles jovens. Porém, acreditamos que o contrário não pode ser dito, pois foi sentido, até o fim das saídas de campo, dificuldades de comunicação com a maioria dos jovens da mancha.

Mas, isso não significa que não foram estabelecidos contatos e diálogos com os jovens da mancha. Estes, bem como as observações, sempre eram registradas no **diário de campo**, recurso de extrema importância nas atividades de observação participante, como sugerido por Winkin (1998).

O diário é instrumento utilizado amplamente na Antropologia e nos “trabalhos etnográficos”, para o registro do máximo de informações possíveis das saídas de campo, de forma que sirva para a análise posterior dos relatos. Nele, são registradas desde as sensações do pesquisador em campo, impressões, análises, eventos cíclicos ou extraordinários, observações, entre outros, que possam servir para as análises posteriores. As leituras do diário devem ser frequentes, para comparações e reflexões sobre as experiências anteriores.

Winkin (1998) apresenta três funções básicas do diário de campo: a **emotiva**, a **empírica** e a **reflexiva e analítica**. A primeira função está ligada a subjetividade das impressões pessoais, em campo, recomendando que essas impressões devem ser privadas. A segunda função do diário de campo é ligada às anotações mais sistemáticas sobre “tudo” o que aconteceu em campo, até os detalhes mais sutis, que podem passar despercebidos, mas que, nas análises futuras, podem ter relevância significativa. A última é relacionada com a

prática da constante leitura, análise e reflexão sobre estas anotações, que são usadas, posteriormente, como fonte de pesquisa, sugerindo até que o diário seja composto por duas colunas, sendo uma para os registros e outra em branco para comentários e análises posteriores.

Para fazer os registros das saídas de campo, tentamos construir uma maneira que se pudesse registrar sempre as informações mais relevantes, evitando esquecer alguma delas nas próximas saídas. Assim, tentamos elaborar um modelo – que foi sendo aperfeiçoado ao longo do tempo – que nos ajudou à organizar as saídas e não esquecer algumas informações.

Foi construído um modelo de cabeçalho que fora seguido em todas as saídas, contendo a data (dia do mês, ano e dia da semana), as condições de tempo e conforto térmico (chuvoso/céu encoberto/céu limpo; agradável, fresco/quente/frio/etc), hora de chegada, registro de quais estabelecimentos estavam abertos ou fechados e com maior movimento (na hora da chegada), além de comentários da semana anterior.

As informações seguintes, ao longo das observações, eram registradas periodicamente, tendo intervalos diferenciados, que duravam entre 10 a 45 minutos (em média), dependendo dos eventos ocorridos e também das idéias e questionamentos que surgiam durante as observações. Estas informações eram organizadas cronologicamente, com a indicação do horário sempre antes de cada registro.

As leituras dos cadernos de campo eram feitas periodicamente, geralmente, antes de cada saída, para recordar das experiências da saída de campo anterior, lembrando eventos importantes ou possíveis comentários que poderiam ajudar a compreender alguma ocorrência ou situação da noite que ia ser observada.

Em relação à preparação teórico-reflexiva para as observações, ressaltamos a importância da construção teórico-metodológica, que precede as saídas de campo. Esta proporciona uma observação mais eficiente e focada, evitando que estes momentos de observação sejam confundidos com vivências cotidianas, perdendo assim as nuances do que se pretendia observar. As referências teóricas nos ajudam a nortear metodologicamente as observações de campo, mas a metodologia não pode representar uma “camisa de força”, ou limitação para o pesquisador (TURRA NETO, 2008).

Magnani (1996) faz algumas recomendações de como se proceder na pesquisa relacionada às manchas de lazer, desde sua identificação no espaço urbano, até cuidados na observação. Sugere que se deve fazer caminhadas de identificação, buscando compreender a

relação dos espaços construídos e vazios, da disposição das edificações e equipamentos, ruídos, cores, cheiros, volumetria, escala, etc.

É também sugerido que haja um esforço no sentido de fazer classificações diversas, como público/privado, masculino/feminino, bares/boates/danceterias, MPB/Rock/Pagode/Jazz/Eletrônico etc., sendo importante para a análise posterior e organização das informações e assim buscar os padrões e regras, tentando perceber a sua lógica interna.

Este autor traz, em sua obra, conceitos específicos para o estudo das **manchas de lazer**, fazendo uma analogia da “**noite**” na mancha de lazer com um “espetáculo teatral”, onde existe um “**cenário**”, com “**atores**”, que seguem um “*script*” pré-estabelecido, traçando “**trajetos**”, que podem fazer parte ou não de um “**circuito**”, elementos estes que devem ser identificados para permitir uma análise mais apurada das relações e dos eventos observados.

Esse espetáculo seria a **festa/diversão**, onde o **cenário** é resultado da coesão dos estabelecimentos comerciais, num ponto do espaço urbano, bem como das práticas sociais anteriores (dos atores), em diálogo constante com as suas práticas atuais. Estas últimas, tendo certa regularidade e lógica, podem ser entendidas como o *script* (ou regras), seguido pelos atores. Dessa maneira, o autor sugere que, na observação, o pesquisador deve buscar identificar **trajetos**, entendidos como “caminhos específicos e não aleatórios”, feitos pelos **atores** na mancha e na malha urbana, ligando **pontos**, **manchas** e **circuitos** entre si, sendo estes complementares ou alternativos. Os **circuitos**. Nas palavras do autor:

[...] unem determinados estabelecimentos, espaços e equipamentos caracterizados pelo exercício de determinada prática ou oferta de determinado serviço, porém não contíguos na paisagem urbana, sendo reconhecidos em sua totalidade apenas pelos usuários: circuito gay, dos cines de arte, esotérico, dos salões de dança e shows black, do povo santo, dos antiquários, brechós, clubes e outros. (MAGNANI, 1996, p. 45).

Nesse sentido, tentamos nortear nossas observações a partir destas categorias de análise propostas pelo autor. Entretanto, nos focamos mais no nosso recorte espacial da mancha de lazer do Bongiovani e no estudo de suas dinâmicas internas, não atentando tanto para os circuitos e trajetos externos à mancha. Para elucidar um pouco do que identificamos, vamos esboçar rapidamente o que vimos a partir desta classificação proposta, tendo em vista que ela será abordada com maior profundidade posteriormente.

O cenário que encontramos foi consolidado num bairro historicamente residencial de alto padrão que, com a chegada dos estudantes atraídos por uma universidade particular, também atraiu investimentos para atender as demandas de entretenimento desses jovens. Se formou então um arranjo espacial coeso, articulando os espaços públicos da praça, ruas e calçadas, com as edificações de boates e bares destinados à atender este público universitário. Essas práticas, que desenrolaram por toda a década de 1990 e a de 2000, serviram de legado para o cenário que encontramos em nossa investigação. Uma área do Jardim Bongiovani em Presidente Prudente - SP com estruturas de bares e boates que, arranjadas de uma forma que compõe uma área coesa, atrai - ainda que com menos intensidade e públicos diferentes – os jovens à procura de diversão e é palco de suas práticas socioespaciais.

Elementos que compõem o “*script*” – as regularidades destas práticas – vão sendo percebidos ao longo do tempo, como se houvesse um roteiro a ser seguido durante o “espetáculo”. As exhibições perigosas dos motoristas, as trocas de olhares, as roupas, as conversas na frente das boates, os carros com músicas em alto volume (com *funk*, pagode e músicas eletrônicas), motoristas e passageiros de carros e motos se exibindo pelas ruas da mancha, a entrada na boate depois do auge da vitalidade da rua, entre tantos outros elementos, fazem parte desse “roteiro”. Os atores deste espetáculo, por sua vez, são (no período investigado) os jovens de periferia pobre, sendo, na sua grande maioria, trabalhadores assalariados ou informais, que buscam consumir naquele espaço – que é uma referência de diversão na cidade –, um modelo de entretenimento jovem, porém adaptado com as suas referências culturais.

Em relação aos *trajetos*, pudemos identificar com melhor precisão, apenas os internos à mancha, sem nos atermos muito aos que excediam os limites do Bongiovani. Porém, constatamos que estes trajetos internos tornavam-se bem limitados, por conta da pouca diversidade, tanto de público, quanto de tipo de entretenimento, que se mostrou, no período em que investigamos, bastante homogêneo.

Já os circuitos tem relação com uma escala mais ampla que, geralmente, contempla mais manchas e liga vários pontos e áreas da cidade, o que extrapolaria os limites deste trabalho que se atem apenas ao recorte espacial da mancha de lazer do Bongiovani.

Além da observação participante, para captar a dinâmica da mancha de lazer da perspectiva de seus usuários, outro recurso utilizado na pesquisa foram as **entrevistas**, que fizemos com os donos de estabelecimentos, para tentarmos reconstruir a formação histórica da

mancha de lazer e buscamos impressões desses empresários da noite, sobre a dinâmica do Bongiovani. As entrevistas são classificadas, por Colgnese & Melo (1998), em **não-diretiva**, **semi-diretiva** e **padronizada**.

Sinteticamente, a primeira é mais aberta e não há perguntas previamente formuladas, sendo inserido um tema e o entrevistado discorre livremente, com o mínimo de interferência possível por parte do entrevistador. Já a semi-diretiva tem perguntas previamente formuladas, local de entrevista previamente definido e um roteiro de perguntas, que pode ser estendido e/ou adaptado, conforme o andar da entrevista, dando maior liberdade para a condução do entrevistador. A padronizada, por sua vez, se assemelha com o que conhecemos como questionários, que tem uma sequência rígida de perguntas e que não deve ser alterado, não dando qualquer liberdade de adaptação ao entrevistador, mas facilitando a comparação e tabulação dos dados obtidos.

Os três tipos de entrevista classificados pelos autores têm finalidades diferentes e devem ser usadas de acordo com os interesses dos pesquisadores em obter determinados tipos de dados, tendo então que ser feita a escolha da técnica conforme o contexto da investigação.

Para reconstruir o histórico da mancha de lazer, optamos pela **entrevista semi-diretiva**, aplicada aos empreendedores da noite prudentina, que se dispuseram participar da pesquisa. Ela nos deu a condição de conduzir a entrevista de uma forma que atendesse nossas demandas por respostas, sem anular novas informações valiosas que poderiam surgir, talvez até estimular novos questionamentos, condições estas que não seriam possíveis nas duas outras formas de entrevistas supracitadas. Um exemplo do roteiro de entrevista, que aplicamos junto aos empresários da noite do Jardim Bongiovani, encontra-se no Anexo 5 deste relatório.

Tivemos certa relutância para conseguir as entrevistas com estes empresários que, certamente, se sentiram inibidos e preocupados, pois não sabiam se aquelas informações dadas poderiam lhes comprometer de alguma forma. Vários deles perguntavam sobre o que se tratava e qual seria a circulação do material, com certa preocupação. Infelizmente, a maioria dos proprietários se esquivou das entrevistas, se dizendo ocupados, não atendendo ligações telefônicas, faltando às entrevistas marcadas e ignorando nossos *e-mails*.

Ainda no campo da produção de informações para a pesquisa, aplicamos também uma enquete para levantar informações mais objetivas com os jovens que frequentam a mancha de lazer, sendo esta opção a mais viável para viabilizar a tabulação e interpretação destes dados e

conseguir ter maior abrangência em relação ao universo da amostra¹⁰. No entanto, tivemos várias dificuldades. A falta de pessoas para aplicar os questionários - trabalho feito voluntariamente pelos colegas do grupo de pesquisa - e a pouca experiência com o trabalho quantitativo foram os principais problemas encontrados, sendo relativamente cansativa a organização, tabulação e tratamento dos dados obtidos. Um exemplo da enquete aplicada pode ser encontrado no Anexo 3 deste relatório.

Para aplicar esta metodologia, contamos com a ajuda de oito pessoas, tendo seis delas aplicado as enquetes e duas auxiliando com os materiais. Escolhemos aplicá-la no início do mês, por ser um período em que a “noite” costuma ser mais intensa, por conta da maior disponibilidade de dinheiro dos jovens assalariados.

O dia escolhido – um sábado, 6 de maio de 2011, véspera do dia das mães - também foi em função da maior dinamicidade costumeira do fim de semana. Porém, não obtivemos o volume de pessoas que esperávamos, talvez por outros eventos ocorrendo na cidade, o que diminuiu um pouco nosso espaço amostral.

Colhemos os dados entre as 23:30h e as 2:00h, aproximadamente, buscando aplicar o máximo de enquetes possível, antes que houvesse a entrada da maioria dos jovens nas boates, porém, o movimento do lado de fora das boates foi baixo, pois o público entrou relativamente rápido, por conta dos baixos fluxos nas ruas.

Outro elemento que alterou a dinâmica desta noite foi uma festa particular, que aconteceu na boate Cantho Iguana, uma das mais fortes da mancha atualmente. Esta festa, que teve o público homossexual como alvo, afastou a maioria dos jovens que frequentam a mancha para a porção mais alta, sentido à boate Absoluta, que, assim como o Cantho Iguana, toca samba e pagode.

O grupo que aplicou a enquete se dividiu em duplas, que ficaram responsáveis por algumas áreas da mancha, enquanto segui sozinho. Tivemos um pouco de dificuldades para conseguir a aceitação das pessoas, que, em sua maioria, não queriam participar. Contudo, conseguimos aplicar, no total, 60 enquetes, buscando diversificar ao máximo o público, buscando pessoas em todas as áreas da mancha e evitando aqueles que foram especificamente

¹⁰ A amostra não foi definida de forma rígida, tendo em vista que estamos diante de um universo extremamente volátil, em que em certos períodos do mês apontam para a casa de 300 a 500 pessoas, enquanto que em outras, este número cai drasticamente, o que dificulta a definição de uma amostragem mais precisa. De qualquer forma, foram aplicados 60 questionários, dos quais 55 foram considerados válidos, o que julgamos um número representativo do universo de pesquisa.

para a festa particular em questão, pois não representava o público que frequenta de fato a mancha.

Foram a partir destes recursos metodológicos que construímos as informações que serão interpretadas neste trabalho. É o que passamos a apresentar no próximo item.

CAPÍTULO 4 – VIVÊNCIA DE CAMPO: EXPERIÊNCIAS E ANÁLISES

Este capítulo tenta organizar sinteticamente as principais análises e reflexões sobre as experiências empíricas do trabalho, buscando o diálogo entre estas vivências de campo aqui relatadas e nosso referencial teórico. Para melhor tratarmos das diversas leituras que fizemos daquela realidade, dividimos os assuntos em subcapítulos, que traremos a seguir.

4.1 – A DINÂMICA DA NOITE NA DIMENSÃO TEMPORAL

Foram feitas algumas análises a partir daquilo que foi identificado ao longo das saídas de campo em relação a eventos cíclicos, que denotam certo *script* da noite do Jardim Bongiовani.

A dinâmica temporal da mancha aponta para certas regularidades em determinados horários específicos, que acabaram desenhando uma espécie de “mapa temporal” que vamos exibir mais adiante, mostrando a intensidade dos fluxos na mancha.

Margulis (1997) nos mostra a importância do período da noite para a festa, pois o espaço da noite não é o espaço do trabalho, da lei, da ordem, da vigilância, da reprodução econômica. Esta característica da noite distancia o espaço da cidade da vida adulta, laboral e carregada de responsabilidades, permitindo uma nova configuração do espaço urbano. Percebemos que o espaço tem sua funcionalidade determinada também cronologicamente, não só pelos dias da semana e do mês, mas também dos turnos do dia. Até mesmo as centralidades mudam, tendo, por exemplo, grande poder de atração de fluxos os centros comerciais durante o período da manhã e da tarde, mas, via de regra, no período da noite são praticamente desertos.

O mesmo acontece nos territórios da festa e do lazer noturnos que, geralmente, são esvaziados de sentido durante o dia. Muitas vezes estes desempenham outro papel nesse período, voltado a outras atividades econômicas, que geram fluxos diversos, porém, não do público jovem. Entretanto, no turno da noite, a função desses espaços se modifica, quando adquirem outros sons, ritmos, movimentos, conteúdos.

Com o avançar das horas que atravessam as madrugadas, esses espaços se transformam em territorialidades tipicamente juvenis, principalmente, nos finais de semana, que é quando a noite ganha mais vitalidade.

Margulis (1997, p. 12) ilustra isso bem, quando escreve:

[...] ¿Por qué la nocturnidad? La ciudad es de los jóvenes mientras los adultos duermen; es otra ciudad. Hay un empleo del tiempo para conquistar el espacio. Al refugiarse en la noche, se resignifica la ciudad y parece alejarse el poder. Ilusión de independencia apelando al juego del tiempo; tiempo no colonizado en que parece resignar el control; tiempo no utilizado plenamente para la reproducción económica, para la industria o la banca. Si todos los espacios están colonizados queda el amparo del tiempo, el tiempo como refugio.

Ele nos mostra que existe uma “ilusão libertadora” na medida em que se avança na madrugada, por conta da sensação de estar livre dos olhares repressores das instituições regulamentadoras, dos pais e patrões. Há a impressão que “estes olhos” da cidade se fecham e, enquanto a cidade “dorme”, os jovens se territorializam na noite, através da festa e da diversão, tendo em vista que são raros os espaços voltados para as juventudes na cidade durante o dia, que não os tradicionais espaços educativos. Essa impressão é causada pela relativa ausência da vigilância por parte das instituições de controle, porém, as regras e leis não deixam de existir, sendo recorrente a circulação de viaturas policiais pelas ruas da mancha de lazer do Bongiovani, tentando inibir, de certa forma, os possíveis excessos dos jovens.

De forma geral, no nosso acompanhamento das noites da mancha de lazer do Jardim Bongiovani, percebemos que a “noite” (leia-se, festa) começa relativamente tarde, assim como Margulis sugere.

Buscando encontrar uma regularidade dos horários dos eventos, que marcam a noite, vamos generalizar o que observamos durante o período que saímos à campo, para poder elaborar um cenário que reflita um padrão do que constatamos. Isto porque há uma outra escala de variação temporal, na dinâmica da mancha, não ligada aos diferentes horários ao longo da noite, mas aos diferentes dias do mês, como comentaremos mais adiante.

Focando naquilo que pode ser considerado regra geral, o período de chegada do público, de maneira lenta e gradual, inicia-se entre as 23 horas e a meia-noite. Esse é o período em que os fluxos de carros e transeuntes ainda é muito pequeno, com intencionalidade de “perceber” o ambiente e tirar as primeiras impressões de “como será a noite”.

Carros e motos circulam pela mancha para investigar a movimentação das casas noturnas, buscando alguma pista “do que vai rolar” (o que vai acontecer), ou se existem muitas pessoas já esperando as casas abrirem. Isso gera expectativas no público que, muitas vezes, fazem trajetos diversos pela cidade para ver como está o “movimento” em outras áreas e também para beber, comer e conversar com amigos.

Com o uso da enquête, foi possível constatar que vários dos jovens que frequentam a mancha, geralmente, passam antes de vir para a “balada” em locais como o Parque do Povo, lanchonetes, conveniências e bares.

O horário em que se intensifica a chegada da maioria do público é entre a meia-noite e a 1:30 da madrugada, que é quando as casas abrem as portas e colocam os DJ's para tocar música eletrônica, antes de se iniciarem as atrações ao vivo.

Geralmente, depois que cessa a chegada de pessoas, os jovens ficam circulando e as ruas ganham movimento intenso. O período de chegada e o de espera, antes de entrar nas casas – são os períodos de maior vitalidade da noite nos espaços públicos, ruas e da praça – é quando os jovens circulam, tanto à pé quanto de motos e carros. Por isso, chamamos esse segundo momento de período de vitalidade das ruas. Jovens se exibem, trocam olhares, conversam, paqueram, bebem, fumam, se divertem e ocupam as ruas e as frentes das casas, que ficam lotadas em dias de grande movimento. Essa movimentação e aglomeração podem se estender até mais tarde do que o período de chegada que, normalmente, vai até, no máximo, 2 horas da madrugada.

Essa maior atividade do lado de fora das casas noturnas caracteriza esse período como o de maior intensidade e visibilidade das dinâmicas, pois se dão nos espaços públicos e abertos, sem o controle de comportamentos por parte da segurança particular dos estabelecimentos.

Esse período de vitalidade das ruas também se deve à uma visão da “rua como festa”, apontada por Almeida & Tracy (2003), que entende que a frente das casas tem grande centralidade e brilho para os jovens que frequentam os espaços de lazer, vendo a “... porta como lugar estriado que delimita as fronteiras do espaço interno e o externo da boate, e ela sendo, em si mesma, diversão e ponto de sociabilidade” (p. 51 e 52)

As autoras interpretam os jovens como “nômades”, que se territorializam ao traçarem seus trajetos pelo espaço urbano, espacializando sua experiência social e subjetiva, pois “em vez de se fixar em um ponto do espaço, transformando-o em um ‘lugar’, como faz o sedentário, o nômade tem um território, segue trajetos contingentes, ‘vai de um ponto a outro’ (DELEUZE apud ALMEIDA & TRACY 2003, p. 42)

A queda da circulação de veículos e de pessoas, após esse período – que se estende até aproximadamente 2:30h - é consequência evidente da entrada massiva dos jovens nos estabelecimentos, pois eles avolumam e intensificavam toda essa dinâmica, que perde o brilho com a ausência do grande público, que faz parte tanto da plateia, quanto do elenco do espetáculo feito na rua.

É nesse outro período pós-entrada nas boates - que chamamos de **período de internalização da festa** -, que as ruas começam a se esvaziar e o palco da noite começa a ser dentro das casas. Mesmo nas noites mais movimentadas, as ruas ficavam com pouquíssimas pessoas, encostadas em seus carros, conversando e bebendo, enquanto passavam alguns poucos veículos, com seus passageiros a observar, mas com baixíssima frequência.

Nesse período, é possível identificar, também, quem realmente entra ou não nas casas, pois, com a ausência dos fluxos – que na linguagem dos jovens da mancha chamaríamos de “fervo”, “bagunça” ou simplesmente “movimento” –, os jovens que foram para participar da vivência da noite somente na rua perdem a motivação que os levaram ali, que era sociabilizar-se com outros jovens, ver e ser visto, se divertir. Portanto, aqueles que não entram nas casas, normalmente, não permanecem na mancha por muito mais tempo. De acordo com as respostas à nossa enquete, nesse período, eles geralmente procuram lanchonetes para comer, em menor número buscam conveniências para beber ou, na maioria das respostas, vão diretamente para casa.

Tabela 1 – Destino dos frequentadores depois da saída da Mancha de Lazer

Destino depois da noite	%
Vai direto para casa	49,1
Procura lugar para comer	27,3
Procura lugar para beber	14,5
Outro	9,1

Fonte: Enquete aplicada no dia 7 de Maio de 2011

Enquanto os *shows* de música ao vivo acontecem, a grande maioria permanece nos estabelecimentos, iniciando a saída de jovens somente quando as apresentações estão chegando ao final que, dependendo da noite, se estendem à até quase de manhã. Porém, existem alguns pequenos momentos de burburinho na frente das casas, durante esse período, que acabam rapidamente. Estes, geralmente, acontecem porque as boates permitem que os clientes saiam e retornem livremente, por conta da lei que proíbe que os clientes fumem dentro dos ambientes, que são fechados. Nessas saídas curtas, os jovens aproveitam para fumar, beber e conversar com mais tranquilidade, tendo em vista que o volume das músicas dentro dos estabelecimentos dificulta a comunicação.

No geral, os *shows* começam por volta de 1:30 horas e terminam entre 4 ou 5 da madrugada. Os grupos que se apresentam ao vivo são sempre precedidos de DJ's (Disco-Jóqueis), que tocam músicas eletrônicas internacionais e também *funk* nacional e outros ritmos dançantes, que animam e atraem o público para dentro das casas, sinalizando que as apresentações estão prestes a começar. Os DJ's também atuam ao final das apresentações ao vivo, porém, já não conseguem manter o público por muito tempo na casa, muitas vezes, pelo avançado da hora e do próprio cansaço do público frente à longa noite que precedeu.

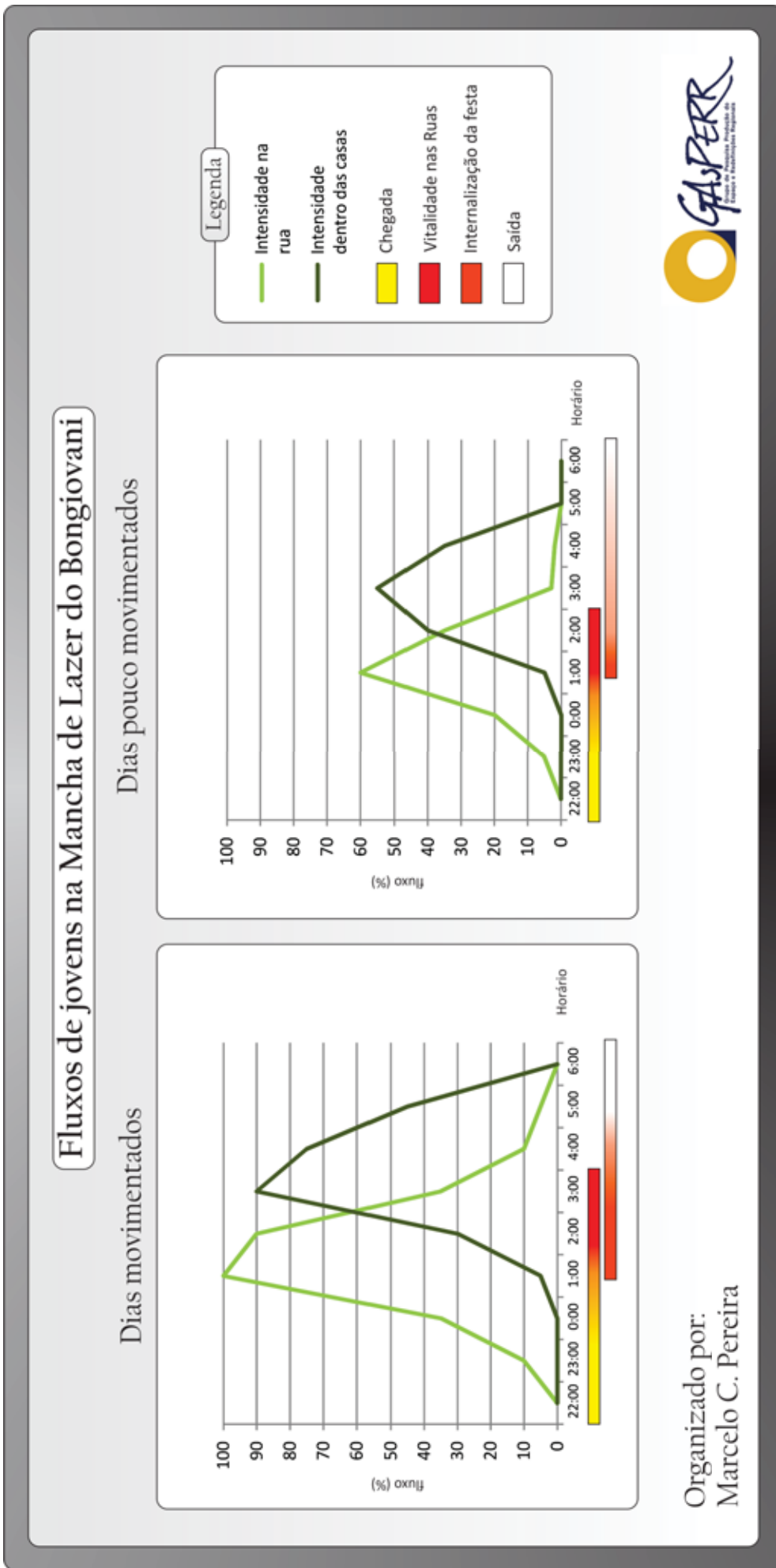
Temos, então, no final da noite, um último período – que chamamos de período de saída -, que se refere, como o nome sugere, à saída das casas noturnas e a ida para casa. É nele que ainda acontecem as últimas conversas depois da festa e também um retorno de grande fluxo e algumas exhibições finais dos motoristas, que aceleram, patinam e fazem manobras arriscadas para chamar atenção, além do som automotivo, que volta a aparecer. Porém, esse “movimento” tem pouca duração, somente alguns poucos minutos, enquanto as pessoas se despedem e se articulam para voltar para casa. É nesse período também que, geralmente, as confusões estão mais iminentes, devido ao estado de embriaguez que algumas pessoas se encontram. Contudo, durante o período da pesquisa, tais confusões não foram muito frequentes, pois em cinco meses de observações sistemáticas, presenciamos apenas três brigas do lado de fora das casas.

Em síntese, pudemos classificar quatro períodos que se repetiram durante nossas observações. O de **chegada**, de **vitalidade das ruas**, de **internalização da festa** e o de **saída**, que tentamos sintetizar de maneira simples na figura 3.

Tendo isso posto, podemos partir para outro ponto de vista temporal das dinâmicas da mancha que pudemos perceber, que se dá ao longo do mês.

Percebemos que, a “vitalidade da noite” também se intensificava e se enfraquecia conforme se passavam os dias do mês, sendo proporcionalmente maior quanto mais próxima do início do mês e menor quanto mais próxima do seu final.

Figura 3 – Intensidade de fluxos de acordo com o horário



Associamos isso ao fato do início do mês estar diretamente relacionado com o período em que, majoritariamente, os trabalhadores recebem seus salários. Talvez isso não influenciasse tanto as dinâmicas da mancha nos anos anteriores, que era frequentada por um público diferente, de classe social abastada que, geralmente, não dependia de renda própria para seu sustento e para consumir na noite do Bongiovani. Porém, esse novo público é caracterizado por jovens de periferia pobre, que, em sua grande maioria, tem trabalho assalariado e depende dessa renda para manter suas necessidades básicas, mas também para poder se divertir, ou “*fazer seus rolês*”.

Conforme dados da nossa enquete, a maioria dos jovens que frequenta a mancha é de baixa renda e, cerca de 3/4 deles trabalha, recebendo, na maioria dos casos, apenas um salário mínimo. Isso também pode ser constatado nas conversas informais, durante as observações de campo.

Tabela 2 – Renda particular e forma de residência dos frequentadores da Mancha de Lazer

Renda particular	%	Reside	%
entre 1 e 2 salários	67,3	Sozinho	3,6
entre 2 e 3 salários	16,4	Com os pais	72,7
entre 3 e 4 salários	1,8	Com namorado(a)	0,0
de 5 a 10 salários	0,0	Com esposo(a)	7,3
10 ou mais salários	0,0	Outro	16,4
sem renda particular	14,5		

Fonte: Enquete aplicada no dia 7 de Maio de 2011

Tabela 3 – Situação de Emprego dos Frequentadores da Mancha de Lazer

Trabalha atualmente	%
SIM	76,4
NÃO	23,6

Fonte: Enquete aplicada no dia 7 de Maio de 2011

Pudemos constatar, também, pela enquete, que a faixa etária predominante incide entre os 15 e os 23 anos de idade, tendo a maioria destes concluído apenas o ensino médio, como podemos ver no quadro a seguir:

Tabela 4 - Idade e escolaridade dos frequentadores da Mancha de Lazer

Idade	%	Grau de escolaridade	%
15 a 18 anos	29,4	Analfabeto	0
19 a 20 anos	25,5	até a 4ª série	0
21 a 23 anos	31,4	até a 8ª série	7,8
24 a 26 anos	7,8	até o 3º ano do Ensino Médio	86,3
27 a 30 anos	3,9	Superior Incompleto	3,9
30 ou mais anos	2,0	Superior Completo	2,0

Fonte: Enquete aplicada no dia 7 de Maio de 2011

A maioria deles tem emprego de pouca qualificação, tanto entre os homens, quanto entre as mulheres. Para ilustrar, podemos citar algumas ocupações que conseguimos constatar entre os homens, como por exemplo: ajudante de pedreiro, ajudante geral, lava-rápido, moto-taxi, encanador, ajudante em mercado, reciclagem de materiais, instalador de calha, etc. Entre as mulheres, vimos exemplos como: babá, operadora de caixa em mercados, auxiliar de doceira, vendedora, balconista, secretária, etc.

Portanto, no início do mês é o período que estes trabalhadores, normalmente, recebem seus salários, tendo mais dinheiro disponível, que no período do final do mês. Isto se reflete diretamente nas dinâmicas da mancha, pois a disponibilidade ou não de dinheiro dos jovens que a frequentam faz com que a mancha se encha ou se esvazie, pois a diversão ali disponível demanda dinheiro, mesmo que o mínimo para se transportar até o Bongiovani.

As duas primeiras semanas do mês tendem a ser as mais movimentadas. São o período em que os jovens tem mais dinheiro disponível para despender em diversão, bebidas, cigarros, comida e transporte até a mancha. Nos finais de mês, a tendência é o movimento diminuir, muitas vezes forçando as casas a fechar as portas antes mesmo das atrações começarem, por conta do baixo público, o que inviabilizaria as despesas dos proprietários com funcionários, energia e segurança.

Porém, vale ressaltar que, outras forças interferem nos fluxos da mancha de lazer. Festas e eventos grandes ocorrendo na cidade ou na região tiveram impacto no movimento da mancha, alguns com menos intensidade, outros com tamanha intensidade que as casas sequer se proporem a abrir, como *shows* de artistas muito populares, tal como o *show* do “Gustavo Lima”, ou direcionados para o público da mancha, como foi o caso do “MC Créu”, que foram promovidos por empresários da noite do Bongiovani. Eventos públicos populares também

influenciam no movimento, como *shows* gratuitos no Parque do Povo, Carnaval e festas na região, que atraem muitos dos frequentadores assíduos da mancha.

Tal constatação evidencia que a mancha do Bongiovani também sofre influências da dinâmica mais ampla da noite prudentina, o que já havia sido registrado, quando, ao falarmos da história da mancha, lembramos o fato recente de ela, atualmente, ter que concorrer com outras centralidades do lazer noturno da cidade.

4.2 – UM NOVO CENÁRIO: SIGNOS, SÍMBOLOS E NOVAS CULTURAS JUVENIS NO JARDIM BONGIOVANI

Quando o trabalho foi iniciado, já havíamos tido um pequeno contato empírico com o nosso recorte espacial da mancha de lazer do Jardim Bongiovani, num período anterior, referente aos anos de 2008 e 2009. Entretanto, vale lembrar que esse contato era destituído de qualquer conhecimento prévio, ou leitura das referências teóricas. Era apenas mais um ator do cenário do lazer, que se encontrava naquele contexto.

Houve pouco contato posterior e ficara a impressão da antiga dinâmica intensa que havia conhecido, com uma diversidade maior de públicos e suas tensões internas, maior volume de pessoas e maior disputa pelos espaços dentro da mancha. Essa diversidade e intensidade nos instigou a investigar as relações que ali se davam e desencadeou todo o processo que nos levou à esta pesquisa de iniciação científica.

Pensávamos nos deparar com um cenário marcado pela diversidade, em que, como sugere Ribeiro (2009, p. 187), encontraríamos relações de tensão, diálogo e afirmação das diferenças, pois,

[...] A condição de visibilidade na cidade passa pelo reconhecimento da identidade, pelo espelhamento frente a seus iguais e pela distinção do outro. As identidades na cidade se formam a partir das relações antagônicas de igualdade e diferença. A identidade e, da mesma forma, a diferença constituem relações sociais. Portanto, ambas estão sujeitas aos vetores de força, às relações de poder. Identidade e diferença não se definem pura e simplesmente, convivendo em harmonia. Elas são impostas e disputadas. Disputadas entre grupos sociais assimetricamente situados que concorrem entre si, para além do poder, ao acesso a bens simbólicos e materiais na cidade.

Com o início das “observações oficiais”, já em 2010, pude perceber que as estruturas pareciam as mesmas, mas haviam mudanças nas dinâmicas, que agora tinham perdido um pouco de força, mostrando relativa decadência da mancha de lazer naquele momento inicial. Os “atores” - que são os sujeitos sociais que compõem as relações humanas que se dão neste espaço - eram diferentes e suas práticas socioespaciais também. Porém, a procura por este tipo de diversão noturna parece recrutar jovens de várias classes sociais, orientações sexuais, gostos musicais, filiações identitárias, etc.

As observações ganharam acompanhamento sistemático e frequente, a partir do início do mês de fevereiro de 2011 – pois, partimos do pressuposto de que o período das aulas influenciaria a dinâmica da mancha – e se estendeu até o final do mês de maio de 2011.

As primeiras saídas de campo foram experiências diferenciadas, pois houve uma sensação de estranhamento e distanciamento maior do pouco que já havia vivenciado no bairro. Pessoas diferentes, estilos diferentes, músicas diferentes, boates com outras propostas. O **cenário** havia mudado muito e o estranhamento foi imediato.

Para elucidar o uso deste conceito de Magnani (2000), podemos dizer que o **cenário** é produto da soma de práticas sociais anteriores e em constante diálogo com as atuais, sendo possível identificar nele **marcos**, reconhecer **divisas** e **pontos de intersecção**, a partir da presença de equipamentos urbanos e suas relações com as práticas dos **atores** que, cotidianamente, usam o espaço.

Logo pude perceber, por elementos diversos, como as roupas, as músicas, os veículos, entre outros, que aquelas pessoas não faziam parte do mesmo público que frequentava o bairro anteriormente. Mas, além das roupas e de outros elementos, podemos notar outras diferenças que demonstram a origem de classe social dessas pessoas, que Diógenes (2008) vai chamar de “**estigmas territoriais**”. Evidências marcadas no “território corpo” de que estes jovens são de partes “proscritas” da cidade, áreas segregadas, que estão precariamente incluídas na “cidade oficial” e que são “invisíveis” aos olhos da classe média e também, na maioria das vezes, da mídia.

Estes “estigmas territoriais”, como o nome sugere, sinalizam a origem territorial das pessoas na escala do desigual espaço urbano. Identificam que tipo de bairros as pessoas pertencem, de acordo com a faixa de renda. São algumas características das pessoas que não tem acesso a determinados bens de consumo e serviços, que demandam uma renda mais alta, ou mesmo evidenciam que estas pessoas são submetidas à condições de vida mais severas do que as pessoas de classe média e alta. Mãos calejadas, pele queimada de sol, cabelos sem qualquer tratamento, entre outras características denotam que estas pessoas não dispõem de renda que permita determinados cuidados estéticos que são amplamente tomados pela classe média e alta. Um elemento que salta aos olhos é o pouco cuidado com os dentes. Muitos deles têm problemas odontológicos visíveis, alguns aparentemente por falta de cuidado e outros pela desarmonia da arcada dentária, que é natural em grande parte das pessoas. Porém, tratamentos ortodônticos e odontológicos que proporcionam a melhoria estética dos dentes

são, via de regra, de alto valor, sendo incompatíveis com a renda destes jovens de periferia. A própria cor da pele acaba sendo um elemento que caracteriza um estigma territorial, devido à formação e estruturação social historicamente racista e discriminatória que perdura até hoje no Brasil, sendo afrodescendentes a maioria dos jovens que vimos na mancha de lazer do Bongiovani.

Foi perceptível uma forte influência de elementos culturais historicamente produzidos e consumidos pelas classes mais populares – como o samba, o pagode, o *hip-hop* e o *funk* carioca – sobre a nova dinâmica da mancha, que estava se adequando ao seu novo público e trazendo atrações compatíveis com o seu gosto musical. Também percebemos o uso de elementos estéticos marcadamente “negros”, disseminados na mídia por diversos artistas e atletas negros – como cortes de cabelo, o uso de brincos do tipo “diamante”, estilos de roupa, uso de bonés, entre outros.

Vale lembrar o que Margulis (1997, p. 18) ressalta em relação à estes signos, pois entende que,

[...] Dentro de cada género de la cultura de la noche existen códigos sutiles para reconocer y apreciar la afiliación a los diferentes matices. Para ser aceptado es frecuente que un joven deba hacer un esfuerzo de adaptación en su apariencia, su lenguaje, su vestimenta, sus modales.

Estes elementos estéticos de influência de culturas juvenis marcadamente “negras” e periféricas foram notados em todas as saídas a campo. Porém, não havia homogeneidade nestas referências, aparentando sempre uma mistura de referenciais, que não indicavam nenhuma filiação identitária mais forte a algum “modo de vida” ou estilo. De maneira geral, havia uma mistura de referências de estilos como o samba, o *hip-hop* e o *funk*, somados a símbolos de consumo de uma estética consensualmente definida como bonita, nos padrões de beleza disseminados pela mídia.

Uma “estética juvenil globalizada”, como argumenta Diógenes (2008), que nos sugere a existência de referências estéticas juvenis que são comungadas em diversas cidades do mundo, como símbolos de *status* e beleza. Esta, que é amplamente disseminada pelas diferentes mídias, vai sendo implantada vagarosamente no imaginário das pessoas como referências de padrão de beleza. É também através da mídia que se instiga o desejo nos jovens – expropriados ou não - em consumir, por exemplo, uma marca de roupa para se sentir

integrado à cultura juvenil. Entretanto, o consumo destes símbolos entre os jovens pobres gera um conflito em seu espaço de moradia, como a autora explicita no trecho abaixo:

[...] Acontece, frequentemente, dos jovens moradores de periferia, ao trabalharem, preferirem utilizar todo o salário ganho em um mês apenas com roupa de “marca”, com a finalidade de se utilizar dos signos da cultura de massa juvenil. O uso dessas marcas faz com que a presença do jovem no seu espaço de moradia torne-se o símbolo de uma usurpação, do “roubo” de uma estética própria dos jovens de classes média e alta. Torna-se necessário transpor os limites dos espaços segregados para fazer registros ampliados de uma estética que internamente, no bairro, é considerada quase sempre uma usurpação (DIÓGENES, 2008, p. 39).

A presença de marcas de grifes famosas e de alto valor é dada também na nossa mancha de lazer, que é sinalizada como característica de muitos jovens pobres que, através do consumo destes símbolos, tentam se integrar de alguma forma a um universo estético juvenil. No estudo da autora sobre jovens pertencentes a gangues, ela ilustra certa adoração a estes símbolos, como no trecho:

[...] As gangues, assim como os integrantes do Hip Hop, como se pode perceber, parecem celebrar com as suas vestimentas, os seus adereços, as marcas emblemáticas da estética juvenil do consumo globalizado. Os membros do Hip Hop difundem um modo de vestir denominado de estilo B-Boy. ‘Adoração e uso exclusivo de marcas esportivas como Adidas, Nike, Fila.’ (VIANA, 1988, p. 21). Nas gangues o estilo de vestir é todo ditado pelos padrões cosmopolitas de consumo juvenil: a disputa de ‘marcas’ que ‘dão destaque’ pode redundar em violência física ou, de maneira mais grave, até mesmo em morte. As gangues exibem um modo ‘igual’ de ser diferente. (DIÓGENES, 2008, p. 135, grifos meus).

Ribeiro (2009, p. 188) também contribui com o entendimento da busca por estes signos juvenis, como no trecho:

[...] Assim também ocorre a busca de um novo padrão identitário, que faça com que alguns grupos sociais na cidade saiam de sua condição de invisibilidade. Ao associarem-se a um determinado modo de vida, usando roupas, expressões e frequentando lugares comuns, os participantes desse grupo social podem ter a sensação de inserção numa sociedade que os discrimina a todo tempo - seja pela cor da pele, pela renda ou pelo nível de escolaridade. Ao se encontrarem com seus “iguais” a sensação de invisibilidade tende a desaparecer - ainda que temporariamente, proporcionando a esses grupos uma nova forma de se inserirem na cidade, através dessa identidade comum.

Entretanto, não percebemos uma disputa entre os jovens da mancha em relação a estas marcas, sendo aparentemente uma questão de “estar na moda” somente, diferente da situação vista pela autora.

Com as observações feitas em campo foi percebido ao longo do tempo que alguns símbolos eram comuns aos frequentadores da mancha, sendo recorrente entre os homens o uso intenso de bonés, colares e pulseiras prateadas e grossas, brincos, camisetas e tênis de marcas de alto preço (almejadas por jovens de todas as classes sociais). Essas influências também estão presentes nos cortes de cabelo, uso de determinadas gírias, nas danças e outras formas de expressão, e podem ser entendidas sob a ótica das autoras acima tratadas.

Entre as mulheres acontece o mesmo, só que com menos intensidade em relação às referências identitárias grupais, sendo as roupas e signos mais atrelados com a moda e certo apelo à sensualidade, trajando saias, *shorts* e vestidos curtos, saltos altos, maquiagem forte, calças apertadas, etc. Buscam o consumo de roupas e estilos parecidos com os vistos em novelas e artistas, pautados por um tipo de padrão de beleza, o que não significa que há de fato uma homogeneidade absoluta no estilo dos jovens que frequentam a mancha. Há sim uma diversidade, mas dentro de uma gama de estilos compatíveis com a realidade dos jovens que frequentam a mancha.

As diferenças estéticas, em algumas saídas, foram mais gritantes, sendo percebido, muitas vezes, um desnível qualitativo no sentido do cuidado estético de algumas pessoas que frequentam a mancha. Isso pode ser ilustrado, por exemplo, com a presença de algumas pessoas, que se apresentavam com roupas aparentemente velhas, usando elementos extremamente informais como chinelos, bermudas, etc. Em alguns casos, vimos, até mesmo, o uso de roupas visivelmente sujas. Em contrapartida, havia a presença de pessoas com roupas mais elaboradas e novas, esteticamente compatíveis com os padrões de vestimentas de festa de jovens da classe média e alta, muitas vezes destoando de uma parcela maior do público.

Nossa percepção sobre a origem destes jovens de bairros segregados foi confirmada com a nossa enquête, quando pudemos catalogar os bairros de origem de cada entrevistado, que nos gerou o seguinte quadro:

Tabela 5 – Bairros de origem dos jovens entrevistados

Bairros	Nº de Moradores	Bairros	Nº de Moradores
ANA JACINTA	3	BRASIL NOVO	4
ITAPURA II	2	PQ. FURQUIM	2
VILA MARCONDES	2	HUMBERTO SALVADOR	2
VILA AURÉLIA	1	JD. AVIAÇÃO	2
PQ. ALEXANDRINA	5	JD. PARAÍSO	1
MARÉ MANSA	3	VILA FORMOSA (Rio 400)	1
JD. CAMBUCI	3	VILA GENI	1
JD PLANALTO	3	JD. BONGIOVANI	1
JD. SUMARÉ	2	SANTA MÔNICA	1
VILA BRASIL	2	JD. PAULISTA	1
JD. BALNEÁRIO	2	JD. SÃO PAULO	1
PQ. DOS PINHEIROS (ALVARES MACHADO)	2	JD. BELADARIA	1
PQ. SHIRAIWA	1	MORADA DO SOL	1
MONTE ALTO	1	VILA OPERARIA	1
JD. ESTORIL	1	VILA LIDER	1
PQ. IMPERIAL	1	TOTAL	55

Fonte: Enquete aplicada no dia 7 de Maio de 2011

Também não podemos deixar de mencionar o público gay/simpatizante, que frequentou a mancha, mesmo que com pouca relevância – tanto no sentido de frequência de festas, como de volume de pessoas -, mas que tinha suas referências estéticas totalmente diferenciadas em relação ao público maior da mancha de lazer.

Sendo a maioria composta por homossexuais do sexo masculino, tínhamos a presença (da parte dos homens), tanto de visuais de homens afeminados, quanto de “Drag Queens” ou Transformistas (homens não necessariamente gays, que se trajam com roupas femininas exageradamente para fazer performances artísticas), travestis (pessoas que se trajam a fim de parecer fidedignamente com indivíduos do sexo oposto), homens com roupas mais afeminadas, com alguns símbolos usados por gays (camisetas listradas/xadrez, colares curtos envolvendo o pescoço, lenços de pescoço, maquiagem, etc) e mulheres com roupas masculinizadas (camisetas largas, relógios masculinos, calças jeans largas, etc.).

Contudo, a presença destes jovens gays e simpatizantes era visivelmente separada tanto pela disposição das casas noturnas (a única boate destinada à este público – chamada *Zeus* – ficava na rua oposta à praça, separada das outras casas noturnas) quanto pela diferença cultural dos grupos.

Para falarmos dessas referências estéticas, não podemos deixar de tentar compreender os elementos formadores destas construções ideológicas, que estilizam as maneiras de ser jovem.

Como já foi dito quando falamos de juventudes, as “culturas juvenis”, ou os “modos de ser jovem”, são apoiados em estilos de vida que, por meio do consumo de determinados símbolos e produtos da cultura de massa, se diferenciam entre outros grupos e também dos adultos. Todavia, se articulam, geralmente, em torno de um estilo musical e de uma ideologia agregada a ele, que norteiam muitas vezes o posicionamento político e até as práticas destes jovens. Ao tratar da questão de “consumir o modo de ser jovem”, Diógenes (2008) nos mostra que este consumo é uma maneira de aparecer e brilhar socialmente, afirmando que “consumir é um modo de existir e de ‘ser notado’ na esfera pública iluminada” (p. 101).

Estas “culturas juvenis” são carregadas de signos, que “implican una construcción del mundo, una clasificación” que, conseqüentemente, com suas peculiaridades, contribui para uma diversidade e diferenciação estética, que permite um agrupamento destas nuances e da “la inmensa diversidad que nos presenta el mundo” (MARGULIS, 1997:13).

Abramo (1994, p. 46), ao falar do surgimento da música e estilo *punk* na década de 1970, nos evidencia um pouco da vinculação das culturas juvenis - que a autora chama de *tribos ou subculturas* - à música e à um padrão estético mais específico, como no trecho

[...] A explosão do punk provocou também o surgimento de novas tribos e o revigoramento de outras. Todas elas tendo a música como elemento centralizador de suas atividades e da elaboração de sua identidade, e caracterizando-se também por um imenso investimento na construção de um estilo de aparecimento (modo de vestir, expressão facial, postura de corpo e gesticulação) como sinalizador de sua localização e visão de mundo.

Carrano (2002) também mostra a importância para os jovens de ter seus **signos e práticas grupais** para se diferenciar dos outros grupos, ao dizer que

[...] Na noite, os grupos da juventude se encontram e praticam, em diferentes redes de sociabilidade no lazer, múltiplos estilos e atitudes; se diferenciam, confirmando vínculos culturais e afetivos e também empreendem ações de antagonismo com outros grupos, instituições e aparelhos públicos e privados da cidade.

Esta dinâmica da noite nos remete a uma terminologia de Magnani (2000), que entende que o conceito de **pedaço** significa pertencer a uma rede de pessoas que se conhecem

e reconhecem e compartilham de um determinado espaço, que se torna referência para elas. Isso pode acontecer tanto dentro da escala do bairro, como no centro da cidade, formando “pedaços centrais”, onde as pessoas que ali frequentam não se conhecem necessariamente, mas compartilham aquele espaço pelo mesmo motivo e intencionalidade, e se reconhecem dentro do estilo, ou cultura juvenil, que escolheram praticar, enlaçando-o com o substrato material.

Em uma mancha de lazer podem se dar diversos **pedaços centrais**, onde os jovens podem, nesses espaços, entrar em contato com seus pares, compartilharem seus signos, ouvirem suas músicas e trocar experiências. O autor entende que estar dentro do pedaço tem significados e regras de lealdade, que proporcionam relativa proteção. Quando se está fora do pedaço se está na parte desconhecida do mapa, devendo haver cautela, pois existe o perigo. Há sempre a potencialidade do conflito e da hostilidade (MAGNANI, 2000), ampliadas pela coexistência da diversidade e pela sobreposição de pedaços, num mesmo espaço-tempo. Essa discussão nos remete, além das questões de territorialidade dos jovens no espaço urbano, a questão das representações que são construídas a partir destes processos.

Tendo isto posto, imaginamos que encontraríamos em campo uma gama de referências culturais bastante heterogênea, onde haveriam tensões entre grupos identitários bem marcados, que disputariam territorialidades subjetivas, dentro do espaço da mancha de lazer.

Porém, o que encontramos foi uma mancha de lazer que, do ponto de vista de diversidade, se encontrava relativamente homogênea, como se fosse um único pedaço. Na realidade, a questão da homogeneidade é dada pelo pouco rigor identitário dos jovens da mancha (que adotam estilos num amplo espectro identitário de jovens pobres moradores das periferias sem ter uma identificação mais forte com algum grupo específico), não havendo uma diversidade de filiações a culturas juvenis bem delimitadas.

Quando perguntados sobre as referências ou estilos de música que, de alguma forma, os unia a um grupo maior de pessoas, a maior parte dos jovens que responderam a enquete mostravam que não tinham uma ligação identitária mais forte, sendo poucos que se identificavam como signatários de algum estilo. A maioria que respondeu gostar de algum tipo de música – mesmo sem ter uma ligação mais forte com o estilo - se referiu ao pagode e ao *funk*, indistintamente, e alguns poucos se identificavam como “pagodeiros/sambistas” de fato.

Portanto, o que encontramos foi um cenário juvenil relativamente homogêneo quanto às suas referências culturais, marcado pelos signos da experiência de periferia pobre, com remetimentos a estilos marcadamente negros; mas também com influência do que é disseminado como moda na grande mídia, como o sertanejo universitário e músicas eletrônicas internacionais, além de um modelo de diversão juvenil – a “balada”. Tudo isso produz amálgamas diversos, que fazem com que de fato tenhamos na mancha de lazer o espaço mais luminoso da cidade, o espetáculo da cultura de massa, como elabora Diógenes (2008).

Diógenes (2008, p. 28) ainda afirma que “a cidade passa a representar um campo semiológico de referentes da cultura de massa”, ou seja, é um campo de símbolos e significados do senso comum, expressos no espaço, o que reforça o viés simbólico das territorialidades construídas socialmente.

Direcionando o assunto para a discussão das juventudes na cidade, vemos que o exposto tem uma relação direta com as imagens que os jovens constroem dos espaços de lazer e de como eles deixam suas marcas, subjetivas ou não, no espaço. As formas como a mídia representa os modelos, tanto de juventude quanto de diversão, acaba transformando e sedimentando algumas ideias no imaginário dos jovens em relação aos modelos de espaço e de consumo que seriam os “ideais”, normalmente para as classes mais abastadas.

No nosso caso, sempre houve uma reprodução, tanto na mídia, quanto social, das ideias sobre o bairro do Bongiovani, onde se localiza a mancha de lazer que estudamos. Havia uma identificação, atribuída ao bairro, como lugar de classe abastada e de jovens estudantes. Imagem esta compartilhada pelos jovens das periferias pobres da cidade.

Com a chegada destes jovens de periferia na mancha de lazer, houve uma modificação lenta e gradual destas representações para a sociedade prudentina, mesmo que seja, ainda hoje, importante a referência do bairro como local de universitários de classe-média alta, para muitos que não passam por ali.

Até para os jovens de periferia houve uma dificuldade na transformação dessas imagens, apresentadas nos discursos de alguns donos de empreendimentos da noite que entrevistamos, como Rodrigo Storti, dono da casa “Cantho Iguana”, que durante a pesquisa era a mais forte do público do Samba e Pagode da mancha de lazer.

Na entrevista, já citada anteriormente, ele nos afirma que teve dificuldades para conseguir modificar estas percepções dos jovens, e teve que se utilizar de estratégias para

conseguir atrair o público para dentro de sua boate, que tinha a proposta inicial de resgatar o público universitário, mas teve que se adaptar às novas realidades.

A seguir recolocamos trechos já citados, mas que valem a pena ser ressaltados nesse momento:

*[...] Existia uma mística! A “Mística Bongiovani Bairro de Estudante” existia lá na vila deles, e, então, eles não vinham pra cá. **Eles sabiam que aqui não era reduto deles.** Que aqui tudo era mais caro, tudo era diferente da realidade deles e eles ficavam no bairro deles.*

(...)

*Ela (a boate) veio primeiro com o trabalho de **despoluir o pensamento** de não entrar lá dentro. Porque o povo de classe C e D não entrava dentro do Aruba, porque viam que era uma casa TOP. Quando eu assumi o **Cantho Iguana**, viram que só tocava sertanejo! Quando eu comecei a chamar eles pro pagode, **eles não iam, porque eles achavam que tudo lá era muito caro, que era muito chique, que lá não era lugar pra eles.***

(...) Hoje eu consegui mudar a concepção [...]

Estes trechos ilustram exatamente estas representações que os jovens de periferia construíram em relação ao bairro e também as dificuldades enfrentadas pelos donos para conseguir mudar esta visão, que estava intimamente ligada com aquele espaço.

Algumas marcas visíveis na mancha de lazer estão expressas nas pichações que se espalham nas paredes do bairro. Algumas destas pichações são marcas recentes, feitas ainda no período em que observávamos as dinâmicas do bairro, o que nos leva a crer que esta é uma das maneiras encontradas por jovens de periferia de fazer visíveis suas inscrições no espaço, para “demarcar” suas territorialidades e se mostrar presentes, principalmente, por este bairro ser historicamente uma referência de uma territorialidade de jovens abastados, que no período mais recente já não faziam mais parte deste cenário. Porém, não podemos atribuir com certeza as pichações ao público da mancha, que pode não ter relação direta com estas manifestações.

Sobre a territorialidade das juventudes, vale a pena ressaltar que entendemos que o território tem diversas nuances e pode ser analisado a partir de vários pontos de vista, partindo do contexto da investigação do pesquisador. É sabido que existe uma grande discussão sobre este conceito chave para a Geografia, não só dentro dela, mas em outras áreas do conhecimento.

Buscamos em Souza (1995; 2009) o debate sobre o conceito de território e constatamos que seu aspecto definidor é “o exercício de poder no espaço”, dando ao conceito uma dimensão política, que, segundo o autor, lhe define o perfil. O autor não deixa de

considerar as esferas culturais e econômicas do território, que julga “distinguíveis”, mas “não separáveis”. Ou seja, estas dimensões fazem parte de uma só realidade, que não pode ser fragmentada cartesianamente, mas podem ser identificadas dentro do contexto do território. Tendo elas mais ou menos importância em cada caso e contexto histórico e geográfico.

Figura 4 - Algumas pichações na Mancha de Lazer do Bairro Jardim Bongiovani



Fotos: Autor

Diógenes (2008, p.28), todavia, ao estudar os jovens participantes de gangues e suas práticas violentas espacializadas, volta os olhos para o viés cultural e subjetivo do conceito, sem descartar as disputas e tensões que envolvem os processos de territorialização, onde

[...] O território atua [...] como uma construção cultural, sendo a violência o seu veículo de expressão mais impactante. O território tem a prerrogativa de

definir marcas delimitadoras de áreas de domínio que atuam, fundamentalmente, como passaporte de passagem dos jovens “proscritos” para o palco dos espetáculos iluminados da cultura de massa.”

Não há dúvida que o nosso entendimento sobre território tem os olhos voltados para as subjetividades dos laços culturais de apropriação, que dinamizam a conformação destas territorialidades, dando maior ênfase para as relações humanas com o espaço e a importância as esferas identitárias e simbólicas com este, para compreender então as dinâmicas territoriais.

Temos em vista que as práticas e os comportamentos dos atores sociais tem relação intrínseca com a territorialidade, pois dão sentido e ressignificam os espaços, levando em conta que o lazer, como prática social, “supõe a formação de vínculos e implica determinadas formas de relação com o espaço e equipamentos urbanos” (MAGNANI 2000, p. 9 e 34).

Dentro da macha de lazer, tivemos a intenção de apreender quais são as territorialidades dos grupos que a frequentam e se existem tensões e disputas territoriais no contexto da diversidade dos grupos. Buscamos identificar quais são os signos utilizados para a demarcação desses territórios identitários e quais as regras e relações de poder que agem na noite da mancha do Bongiovani.

Todavia, não descartamos, em nenhum momento, os outros vieses pelos quais podem ser entendidos o território, como o econômico, o político e o naturalista – descritos por Haesbaert (2010), cuja proposta de abordagem é **integradora**, que busca entender o território de maneira mais ampla, como um processo de domínio (político/econômico) e/ou de apropriação (simbólico-cultural) do espaço pelos grupos humanos.

Haesbaert (2010, p. 37) mostra que, várias áreas do conhecimento se utilizam do conceito, porém, existe uma falta de debate interdisciplinar. Mostra, por exemplo, que os geógrafos atentam mais para a materialidade do território, sendo a ciência política voltada para as relações de poder. Na economia, se prefere a noção de espaço à de território, enquanto a Antropologia “enfoca [o território] a partir de sua intervenção nas relações sociais”, e a Psicologia na construção da subjetividade.

O autor sintetiza, juntamente com Limonad, as concepções básicas sobre território, classificando-as em:

[...] - **política** (referida às relações espaço-poder em geral) ou **jurídico-política** (relativa também a todas as relações espaço-poder institucionalizadas): a mais difundida, onde o território é visto como um espaço delimitado e controlado, através do qual se exerce um determinado

poder, na maioria das vezes – mas não exclusivamente – relacionado ao poder político do Estado.

- **cultural** (muitas vezes culturalista) ou **simbólico-cultural**: prioriza a dimensão simbólica e mais subjetiva, em que o território é visto, sobretudo, como o produto da apropriação/valorização simbólica de um grupo em relação ao seu espaço vivido.

- **econômica** (muitas vezes economicista): menos difundida, enfatiza a dimensão espacial das relações econômicas, o território como fonte de recursos e/ou incorporado no embate entre classes sociais e na relação capital-trabalho, como produto da divisão “territorial” do trabalho, por exemplo. (HAESBAERT, 2010, p. 40)

Afirma, contudo, que dificilmente o território se expressa de forma puramente cultural, econômica, ou política, mas sempre de forma híbrida – política e cultural; ou política e econômica, de modo que a dimensão política é central para a definição de território.

É o mesmo autor que nos ajuda a entender também os processos de territorialização e desterritorialização, vislumbrando, diante desses processos, uma nova dimensão territorial: a **multiterritorialidade**. Esta abordagem, por sua vez, se mostra mais completa, propondo a existência de uma sobreposição de territorialidades diversas sobre o mesmo espaço, sendo construídas, destruídas e reconstruídas constantemente sem depender, necessariamente, uma da outra.

Ele afirma que,

[...] O grande dilema deste início de milênio, parece-nos, não é o fenômeno da **desterritorialização**, como sugere Virilio, mas o da **multiterritorialização**, a exacerbação dessa possibilidade, que sempre existiu, mas nunca nos níveis contemporâneos, de experimentar diferentes territórios ao mesmo tempo, reconstruindo constantemente o nosso (HAESBAERT, 2010, p. 17).

Dessa maneira, pudemos compreender melhor como se dão as diferentes territorialidades dentro da mancha de lazer, que, sobrepostas, permitem a singularidade daquele espaço que é múltiplo e dinâmico, tendo suas territorialidades modificadas, até mesmo no transcorrer das horas, quando o bairro deixa de ser uma centralidade de serviços e comércio, nas horas do dia, e passa a ser uma centralidade de lazer noturno juvenil, compondo um arranjo territorial completamente diferente.

Com isto posto, podemos tentar compreender as microterritorialidades que se deram na mancha de lazer ao longo das nossas observações.

4.3 – AS MICROTERRITORIALIDADES

Nas saídas de campo pudemos constatar que algumas áreas da mancha eram repetitivamente ocupadas, de maneira geral, pelos mesmos elementos, sendo algumas áreas utilizadas para uma circulação mais generalizada e outras de ocupação mais fixa.

As áreas de estacionamento ao longo das avenidas, muitas vezes, delimitavam também como seriam ocupadas as outras áreas da mancha pelo público, tendo em vista que os donos dos veículos, no período em que a festa se concentra no espaço público, demonstram gostar de se reunir em torno de seus carros e motos, como se estivessem vigiando seus patrimônios, mas, na verdade, estão ali também vendo o movimento e sendo vistos por quem passa.

Dessa maneira, as calçadas nas proximidades das boates, normalmente, apresentam grande aglomeração de pessoas, que ficavam conversando, bebendo e fumando, em volta dos carros, geralmente, com alguma música, em alto volume, predominando no ambiente.

A frente das boates é uma área de grande brilho, com um poder muito grande de centralidade de fluxos e olhares, onde muita gente fica parada, conversando, enquanto outros circulam pelas calçadas.

Na Avenida da Saudade - avenida que liga a Rodovia Raposo Tavares e vários condomínios de alto padrão, ao Parque do Povo e às proximidades do centro –, temos uma grande ocupação de suas áreas de estacionamento e de suas calçadas pelos jovens. Na parte mais alta da mancha, temos uma maior ocupação das calçadas por conta da existência da boate “Absoluta”, que foi dirigida por um jovem negro, que investia em atrações focadas no samba e pagode, também com a presença de DJ’s tocando músicas eletrônicas diversas e o *Funk*. Houveram algumas poucas tentativas de inserir duplas de sertanejo universitário, juntamente com os grupos de samba e pagode, porém, sem muito êxito.

Na parte mais baixa da mancha de lazer, observamos uma presença maior de transeuntes nas calçadas das ruas mais internas, tendo grande ocupação a face da praça à frente dos estabelecimentos, na rua Dr. Albertino Sobrado, mostrando que, a concentração nestes espaços públicos se dá em função dos espaços privados das casas noturnas.

A figura 5 tenta ilustrar como se dá a disposição espacial dos empreendimentos noturnos que funcionavam na mancha no período da pesquisa, evidenciando a praça e as áreas principais áreas de aglomeração dos jovens nas noites de festa.

Podemos notar diferentes fluxos, alguns dentro e outros que apenas passam pela mancha, o que nos indicou algumas diferentes territorialidades, que estão fora da mancha, mas que se relacionam direta e indiretamente com ela.

A passagem de veículos diversos dentro da mancha é intensa nas horas de maior dinamicidade da noite, onde há uma espécie de desfile. Além da exibição de seus carros e motos, os passageiros também observam os eventos e trocam olhares com as pessoas que estão na mancha.

A execução de manobras perigosas, por parte dos motoristas, foi muito recorrente durante as observações, existindo também alguns acidentes por conta destas posturas de direção. Todavia, estas eram maneiras de chamar a atenção do público para si, que, normalmente, assistiam com admiração, ao invés de rejeitar as atitudes que colocavam todos os presentes sob os riscos de um acidente fatal. Estas manobras, geralmente, eram feitas propositalmente nas áreas de maior aglomeração, na frente das casas noturnas, principalmente na Avenida da Saudade, que, por ser mais larga e extensa, permitia algumas manobras que as ruas mais internas do bairro não comportavam.

Porém, neste caso, o que nos chamou a atenção foi a presença de veículos de alto padrão, de pessoas que não pertenciam ao público da mancha, mas que ali passava para ver “como estava a noite” e também com o intuito de ser visto, exibindo suas motos, carros e caminhonetes de valores exorbitantes (que chegam na escala das centenas de milhares de reais), contrastando com os veículos do público popular da mancha, que eram mais antigos e de valores mais baixos.

A presença de veículos da década de 1980 e 1990 predomina, como carros Volkswagen de modelos como o Gol, Voyage, Fusca, Golf, Parati, ou GM com modelos como Chevette, Monza, Ômega, Kadet, entre outros veículos destes períodos. Entretanto, são vistos também carros populares mais novos na mancha, mas em menor escala.

No geral, apesar da idade dos veículos, os proprietários se mostram cuidadosos com sua estética, muitas vezes usados como recurso para chamar a atenção. A maioria dos veículos aparentava estar limpa e encerada, alguns com elementos estéticos mais chamativos, como faróis com “neon”, rodas esportivas, rádios com aparelhos DVD, com displays de LCD embutidos, entre outros.

Outro elemento presente nos carros é o alto investimento em aparelhagem de som, que, muitas vezes, ocupa totalmente o espaço do porta-malas do carro, com grande potência,

suficiente para se ouvir a centenas de metros de distância, criando, por vezes, uma ambiência de festa do lado de fora das boates.

A presença de motocicletas é muito forte na mancha, sendo majoritariamente de modelos de baixa cilindrada, das marcas Honda (modelo CG, Titan, Biz, etc.) e Yamaha (YBR, etc.), o que também indica o baixo poder aquisitivo da maioria destes jovens.

Os donos de veículos de alto padrão, normalmente, só passavam pela mancha, dando uma pequena volta e indo embora, com algumas raras exceções. Esses fluxos, provavelmente, dirigiam-se para outras áreas da cidade, onde hoje jovens de classe média/alta se encontram, sendo algumas do entorno da mancha de lazer, mas que, apesar da proximidade, não tinham nenhuma relação com ela.

O que pudemos identificar das territorialidades de jovens mais abastados, em torno da mancha, foram alguns “barzinhos”, geralmente com música ao vivo, um posto de combustível, com conveniência, e um bar/restaurante. Este último, de alto padrão. Os exemplos mais próximos da mancha são: Bar Vó Laura (voltado ao público sertanejo universitário), Espetinho do Gordo (bar e petiscaria, que fecha relativamente cedo), Bar da Brahma (um restaurante de alto padrão, não direcionado especificamente para jovens), Bar/Bilhar Las Vegas (frequentado pela classe média e média baixa), Bar Tio Zan (destinado aos universitários, fechando antes da meia-noite), Melhor Conveniência (que não é 24 horas) e o Posto BR, com conveniência 24 horas. Estes estabelecimentos, além de outras áreas da cidade, davam sentido aos fluxos destes jovens mais ricos pela mancha de lazer do Bongiovani, além, é claro, dos que moram nos condomínios fechados de alto padrão, acessados pela Avenida da Saudade, que corta a mancha, que tentamos ilustrar na Figura 6.

O único espaço “compartilhado” pelos jovens da mancha e também por jovens mais ricos e/ou universitários é o da conveniência (BR Mania) do Posto BR, pois é possível perceber certo fluxo de pessoas à pé no sentido do posto, que fica no topo da Avenida da Saudade, se distanciando, aproximadamente, 250 metros da casa noturna da mancha mais próxima.

O pátio e as mesas do Posto BR são, normalmente, ocupados por jovens universitários e de classe média, que estacionam seus carros no posto e ficam por ali por algum tempo, conversando e, geralmente, bebendo e fumando, prática conhecida como “esquentar”, quando precede alguma festa ou evento. Porém, esta permanência não é tão prolongada, sempre

Figura 6 – Disposição dos Estabelecimentos adjacentes



sucedida por outros jovens, que chegam e ocupam aquele espaço que, repentinamente, pode ficar vazio, dependendo do horário.

A relação desta conveniência com o movimento da mancha é de fornecimento de bebidas, cigarros e o uso do banheiro, pois, antes de entrar nas boates, os jovens não tem outros lugares para consumir, exceto em algumas barracas de cachorro-quente, ou de bebidas, montadas nas calçadas, mas que, evidentemente, não disponibilizam banheiros.

No caso dos jovens pobres que frequentam a mancha, o posto é um local onde se passa rapidamente. Logo depois da compra de bebidas e cigarros, ou do uso do banheiro, eles voltam em à mancha, mas não conseguimos constatar se há tensões neste espaço.

A praça foi muito ocupada pelos jovens, principalmente, sua face de frente para as casas noturnas, onde alguns sentavam nos bancos, encostavam-se nas árvores e postes e conversavam, sempre a observar a movimentação das pessoas nas calçadas, ruas e na frente das casas, do outro lado da rua.

O único Bar/Karaoke/Snooker da mancha – o Enkantos Beer -, que estava em franca decadência e é frequentado por um público pouco expressivo, que varia entre 30 e 55 anos, aproximadamente, também é usado pelos jovens, tal como a conveniência do posto, onde se compram bebidas e cigarros, usa-se o banheiro e prontamente voltam às ruas da mancha, porém, com não muita expressividade.

Quanto ao público *gay*, que frequenta a casa noturna Zeus, na Rua Dirceu Gomes, este acaba relativamente isolado, pois não há outras casas noturnas na mesma rua, não viabilizando muito contato com os outros jovens, fazendo daquela rua uma “microterritorialidade” *gay* que, depois do fechamento de uma das casas da mesma rua – Maximus Club -, passou a ser evitada até mesmo pelos fluxos de carros.

Dessa forma, tentamos simplificar na figuras 7 (anterior) e 8, como se dava, de maneira geral, a territorialização dos jovens nas principais áreas de aglomeração, explicitando também os principais fluxos feitos ao longo das noites.

Figura 7 – Os principais fluxos de veículos e pessoas na Mancha de Lazer



Figura 8 – Disposição dos estabelecimentos da Mancha de Lazer e as principais áreas de aglomeração da Mancha de Lazer



4.4 – A VIOLÊNCIA, DROGAS E POLÍCIA

Atitudes violentas não foram muito recorrentes durante nossas observações, apesar das muitas reclamações dos jovens que responderam nossa enquete, se remetendo aos “estraga prazeres”, “gente que vem arrumar confusão/tretar”, etc. Várias menções sobre o bairro estar muito violento e perigoso também refletem uma visão relativamente distorcida, que causa insegurança à maioria das pessoas. Essa visão é disseminada no senso comum de muita gente que sequer conhece as dinâmicas atuais do bairro, mas, ao passar pela mancha, numa noite de fim de semana, ao ver o público de periferia, com os estereótipos de *funkeiros*, pagodeiros e *rappers*, já, automaticamente, fazem a ligação preconceituosa com criminalidade e violência que, muitas vezes, é disseminada na mídia. Algumas pessoas de classe-média, moradores da cidade e alguns universitários da Unoeste reproduziram este discurso, quando falávamos que estávamos estudando a mancha de lazer do Bongiovani, tecendo comentários como: “*quando eu estava lá pareciam que tinham aberto os portões do cemitério, era a visão do inferno!*”, ou então “*you não tem medo de morrer lá não? Você vai ser assaltado lá! Vai acabar tomando um tiro!*”.

Porém, infelizmente, presenciamos algumas cenas de violência, imprudência e excessos dos frequentadores da mancha, que descreveremos com mais detalhe a seguir.

Na primeira saída de campo, no dia 11 de dezembro de 2010, um sábado quente, aconteceu, em torno das 23 horas, uma briga entre um casal de jovens, na qual o rapaz agredia a moça com socos e pontapés, caminhando, aparentemente, sentido ao seu carro. O incidente aconteceu na mesma noite em que foi inaugurada a boate (casa de samba) “Maximus Club”. A moça que sofria as agressões seguia andando com pressa e chorando e ambos estavam em silêncio. A situação foi muito rápida e as casas ainda estavam por abrir. A noite continuou com grande destaque para a casa que inaugurava, com as ruas e calçadas abarrotadas de carros, motos e pessoas transitando.

Coerente com a tendência da mancha, as atrações da Maximus Club e também das outras casas foram grupos de pagode e DJ’s tocando música eletrônica. E a festa durou até cerca de 5 horas da manhã.

A Maximus Club, contudo, ficou aberta apenas por três meses. Esse fechamento precoce da casa noturna nos remete a outros estabelecimentos, que sofreram mudanças na mancha, num período recente, elementos que são apontados por diversos autores, como

Magnani (2005), que nos diz que, “as casas apresentam uma espécie de estabilidade efêmera, abrem e fecham num ritmo que lembra sazonalidade ou obsolescência programada: duram de dois a três anos ou então mudam de nome”. Tal dinamicidade das casas noturnas também é comum no Bongiovani, como no caso da Boate Zimmer que, entre 2009 e 2011, trocou de nome e sofreu reformas por três vezes e, atualmente, trabalha como uma casa de alto padrão chamada PUB Music n Bar, que ficou pronta dias antes da finalização dos nossos trabalhos de campo sistemáticos, em maio de 2011.

Numa sexta-feira, dia 8 de abril de 2011, noite fresca de um dia quente, não teve grande movimento na noite, apesar de ser início de mês. Acredito veementemente que esta baixa no movimento tenha relação direta com eventos gratuitos que aconteciam na cidade vizinha de Pirapozinho e, também, no Parque do Povo, sendo este último o que viabilizou a vinda de alguns **menores**, de faixa etária entre 14 e 17 anos aparentemente, alguns – cerca de 8 garotos – de bicicleta e maltrapilhos. Nesta noite, senti um clima extremamente pesado, com olhares me “perseguido” como se eu fosse uma presa. Percebi grande hostilidade por parte desses adolescentes e de alguns outros jovens, que pareciam ser mais pobres ainda dos que aqueles que frequentam a mancha. Estas pessoas não eram o público fiel da mancha de lazer, mas, talvez, pela vinda ao evento no Parque do Povo e sua relativa proximidade com a mancha, os atraiu para participar da dinâmica da noite do Bongiovani.

Porém, estas pessoas mais hostis – que chegaram ao bairro aproximadamente às 23 horas - logo se foram com o passar do tempo e com a chegada do público costumeiro. Aproximadamente às 0:30 horas aqueles já haviam se retirado quase que por completo.

A “noite” se “internalizou” rapidamente, com o público entrando quase que diretamente para a única casa que abriu naquela noite, o Absoluta Club, não ficando o grande volume de pessoas do lado de fora, como era de praxe. A polícia – que é vista rotineiramente pelas ruas da mancha – chega de repente e flagra um veículo com o volume do som extremamente alto e o multa prontamente.

Com o pouco público já quase todo dentro da casa as 1:30 horas, as ruas ficaram esvaziadas e, aproximadamente as 2:10 horas uma confusão que aconteceu do lado de dentro da boate é resolvida do lado de fora. O que percebi foi que o segurança da casa estava enfurecido por ter sido agredido pelo pai de uma moça, que estava junto com a filha dentro da boate. O senhor, pai da garota, estava visivelmente embriagado, e o segurança tinha sangue no nariz, pois havia sido atingido por um soco e estava enfurecido. Os outros seguranças da casa

e a menina – aos gritos – tentavam conter o segurança atingido, que intimidava o pai da moça e queria “resolver” a situação com mais agressões. Felizmente, ele foi contido e a moça e o pai foram embora.

A situação mais violenta que presenciei foi na semana anterior da briga relatada acima, no dia 2 de Abril de 2011, uma noite de sábado, fresca e com o tempo encoberto, que teve grande movimento, iniciando relativamente cedo para o contexto – em torno das 23 horas – e se estendendo até as 6 da manhã.

Esta noite foi rica de detalhes, que podem ser citados em exemplos diversos, pois teve a presença de vários elementos interessantes para a nossa análise, como os vendedores ambulantes, a polícia, drogas, violência, muitos fluxos, “bobódromos”, manobras arriscadas dos motoristas, o uso de rádio taxis e cenas de exibicionismo, que impressionaram.

A expectativa foi grande desde o início da noite, com a chegada precoce dos jovens na mancha e também de alguns vendedores ambulantes – como o carrinho de lanche e a barraca de bebidas –, que se instalaram próximos um do outro, na esquina da praça, antes das casas abrirem.

Até o Enkantos Beer (Bar/Karaoke/Snooker) que, durante nossas observações só tinha um público mais velho, teve um movimento de jovens, que jogaram sinuca e beberam enquanto as boates não abriam.

Nesta noite o Cantho Iguana (Boate/Casa de Pagode) e a Zeus (Boate GLS) abriram, mas o Absoluta Club (Boate/Casa de Pagode) não, o que fez com que todo o público da mancha convergisse para a sua parte mais baixa, na praça. A Zeus teve pouco êxito, atraindo pouquíssimas pessoas durante toda a noite, sobrando o brilho totalmente para o Cantho Iguana, que teve neste dia, uma das suas noites de maior movimento.

As artimanhas de presentear as pessoas com “cortesias” (entradas gratuitas) ou de liberar a entrada franca até a 1:00 hora para atrair o público – principalmente nos fins de mês –, utilizadas frequentemente para manter o movimento e não dar a impressão de decadência à mancha, nesta noite, não foram necessárias, tendo em vista que somente uma casa de pagode/samba estava aberta, sem qualquer concorrência.

Os fluxos de veículos foram constantes e foi feito o “pedágio” (pessoas que param os carros para entregar panfletos e divulgar festas) entre a meia-noite e a 1:00 hora, na rua Dr. Albertino Sobrado, que separa o Cantho Iguana e o Enkantos Beer da praça. Ali estavam também carros com som em alto volume, fazendo a divulgação de eventos. Estes “pedágios”,

juntamente com o fluxo de transeuntes (que já era relativamente alto neste horário), faziam com que o fluxo ficasse lento, formando filas de carros e motos em marcha lenta, formando um esquema de circulação chamado, pejorativamente, de “bobódromo”.

Sobre esse tipo de movimento de carros, Carrano (2002, p. 47), em estudos sobre o lazer juvenil na cidade de Angra dos Reis, relata que

[...] A marcha lenta e a procura através do olhar é intensa. **Ver e principalmente ser visto é o objetivo dessa caravana de automóveis** que parecem conduzir os sentidos de motoristas e também dos que estão nas calçadas. O engarrafamento é paradoxal, uma vez que os motoristas não se incomodam com aqueles que param os carros para conversar, muitas vezes saindo dos carros e “atrapalhando” o trânsito. A interrupção do trânsito, longe de significar um transtorno, representa algo positivo, pois possibilita um tempo maior para a paquera. Bendito engarrafamento! (grifos nossos)

Isto evidencia como as interações entre os jovens se dão principalmente no nível do olhar. O estético é valorizado e os olhares são disputados, em que o “ver e ser visto” é de extrema importância para quem está na noite.

Nesse horário também houve a chegada de alguns rádio taxis, meio de transporte que começou a ser adotado recentemente por algumas pessoas que frequentam a mancha, tendo em vista que é um serviço que funciona também nas madrugadas, diferente dos ônibus, podendo tanto ser utilizado para a vinda até à mancha, quanto na volta para casa. Esta foi uma alternativa interessante de se locomover para os jovens de periferia, pois, além de ter um preço acessível – pois geralmente é dividido entre 3 ou 4 amigos – é seguro, rápido e permite que as pessoas, que não tem veículos, não precisem vir à pé, ou de ônibus. Para as mulheres, isto também representou uma vantagem, pois permite que elas possam vir com roupas mais elaboradas e usar saltos, coisa que é impossibilitada quando o percurso de casa até ao Bongiovani tem de ser feito à pé.

A exibição de motoristas, já comentada anteriormente, é recorrente em nossas observações e, nesta noite, não foi diferente, com carros e motos acelerando para chamar a atenção. Porém, as manobras foram dificultadas pelo grande volume de pessoas andando na rua, que é estreita, além do fluxo lento e também do fato da prefeitura ter liberado o estacionamento (que havia sido proibido em 2010) ao longo do lado esquerdo da rua Dr. Albertino Sobrado, que é mão única. Às 1:30 horas, o movimento de carros e pedestres na rua

continuava, com carros com músicas em alto volume, variando entre eletrônicas internacionais e o *funk*.

É neste momento de grande movimento na rua, com a praça e as calçadas lotadas e ruas com muitos veículos que acontece um evento excêntrico e perigoso, para tentar chamar a atenção. Um carro (“Parati”, antiga e cinza), com a tampa traseira aberta e som com alto volume, sai patinando com um jovem em cima do teto do carro, que grita, enquanto o carro chacoalha de um lado para o outro, despertando a curiosidade em todos. Estas demonstrações perigosas são um grande apelo para chamar a atenção e tentar, de alguma forma, se destacar e conseguir reconhecimento entre os outros jovens da mancha.

É percebido também o consumo mais visível de bebidas e cigarros nas ruas que, normalmente, não é tão notado nos outros dias. Talvez isso ocorra, pelo fato de ser início de mês, quando os jovens que trabalham – que são a maioria - tem mais dinheiro disponível, divertindo-se e consumindo na mancha.

Vale transcrever um trecho do diário de campo, onde descrevo vários elementos desta noite, que ilustra muito bem o que vimos durante as observações, além de a vitalidade do espaço público neste dia, aproximadamente às duas da manhã:

[...] os carros continuam fluindo para a mancha e as ruas continuam LOTADAS!

Na Zeus algumas poucas pessoas, com destaque para os transformistas, ficam na frente da casa, que não tem muito movimento

O consumo hoje parece estar mais evidente que nos outros dias e muita gente parece fazer do “estar na rua” a própria festa.

Conversam, olham, andam, riem e dançam! A maioria fica parada observando e conversando, por vezes, bebendo e fumando.

Dentro do Cantho Iguana, o pessoal dança, enquanto alguns tentam circular no ambiente, que está apertado de tão lotado.

O clima de “pegação” não é explícito, mas fica suspenso no ar e em potencial. São poucos os casais que trocam beijos, tanto dentro, quanto fora da casa.

Às 2:20 horas, alguns fumam maconha na praça, e a rua continua cheia.

Logo em seguida, coisas no mínimo curiosas acontecem, como, por exemplo, uma moça que estava de passageira num carro (padrão de classe média) branco em movimento, abre a porta do veículo e mostra os seios para todos os que estão na praça!

A polícia aparece. Uma viatura estaciona na esquina da república “Santo-Mé” e outra no “Bohêmio” (fechando a rua Dr. Albertino Sobrado, com uma

viatura em cada lado da praça), tentando inibir a movimentação, multando algumas motos e, depois, indo embora

As 3:15 horas, o Iguana continua lotado, com a rua ainda com bastante gente, passando carros e motos, aos poucos, porém, sempre [...] (Trecho do Diário de Campo do dia 2 de Abril de 2011)

Vemos, neste pequeno trecho, vários elementos marcantes da dinâmica da noite, como demonstrações excêntricas para chamar a atenção, um pouco das dinâmicas internas das casas, a presença da polícia, como representante da ordem e do controle, a presença das drogas, de maneira explícita, no espaço público e a festa na rua, como espaço de diversão aberto e público, sem as regras que são impostas dentro das boates e com maior legitimidade identitária.

É necessário lembrar, do ponto de vista de Margulis (1997, p. 16), que analisa os “modelos de festa” que são propostas nas boates, que

[...] aunque mercantilizadas y nada espontáneas, todas las propuestas para el consumo nocturno llevan consigo el modelo de fiesta. El clima festivo, el imaginario de la fiesta, necesita de un tiempo y un espacio propios, en ruptura con el tiempo y el espacio habitual.

[...] Pero la fiesta comercial, la promesa de fiesta que se vende a los jóvenes, es la fiesta organizada, controlada por otros. Es simulacro de fiesta, en el que deliberadamente se instalan ingredientes de transgresión de lo cotidiano: la luz, el espacio, el tiempo, la música cuyo volumen la transforma en algo casi corpóreo.

O autor entende que, nesses ambientes, os jovens não fazem suas próprias festas e regras. São apenas consumidores e atores de um teatro pronto, não podendo regular seu espaço, diferente do que acontece nos espaços públicos, como na porta das casas noturnas. Ele ainda ressalta o caráter de espaços privados, que existe na “cultura da noite”, não tendo liberdades de acesso garantidas à todos os jovens, que querem consumir aquele tipo de lazer. O que aconteceu, com muita intensidade, no período de transição dos públicos do Bongiovani, que podemos ilustrar com o trecho:

[...] En la cultura de la noche hay elecciones pero también restricciones: según la condición social se puede o no acceder a ciertos lugares. Se es elegido para ingresar o para ser excluido. Se puede elegir, pero dentro de una

cierta gama. La cultura de la noche es etnocéntrica, clasista y, hasta podríamos decir, racista. (MARGULIS, 1997, p. 17) ¹¹

Entretanto, como já foi mencionado no trabalho, amiúde, mais que dentro das boates, é na rua que está a festa. Almeida & Tracy (2003) perceberam, no que se refere à dinâmica da diversão noturna de jovens de classe média da zona sul carioca que, muitas vezes, o **trajeto** feito pelas manchas e o estar em contato com o **movimento** representa a própria noção de festa.

Isto é visto também quando as autoras relatam que as portas das boates, muitas vezes, são espaços mais valorizados que as próprias festas que acontecem do lado de dentro, pois é onde os fluxos mais intensos acontecem e é o lugar de maior brilho, maior sociabilidade e contato entre os indivíduos. Elas mostram a importância da porta como lugar estriado, que delimita as fronteiras do espaço interno e o externo da boate, sendo, em si mesma, diversão e encontro. Elas afirmam que, “(...) a **porta** é capaz de converter-se em uma **programação noturna em si mesma**, alcançando sua plenitude no âmbito de seu próprio perímetro”; e que “não podemos esquecer que a **determinação primária do nômade**, com efeito, é que ele ocupa e mantém um espaço liso, **subvertendo suas formas de ocupação convencionais**” (ALMEIDA & TRACY, 2003, p. 51-52, grifos meus).

É esta dinâmica mais forte da festa e dos fluxos intensos no espaço público é que vão se perdendo na continuação dos eventos da noite de 2 de Abril que estávamos relatando, quando as ruas foram perdendo movimento, gradativamente, entre as 3:15 horas, até cerca de 4:30 horas, quando ficaram relativamente esvaziadas, concentrando toda a dinâmica da diversão dentro das casas. Neste caso, somente do Cantho Iguana, pois os outros estabelecimentos, neste horário, já haviam fechado.

Entrei, durante cerca de 15 minutos, na boate, para perceber como está o lado de dentro, já que as ruas estão esvaziadas. A casa está lotada, com a maioria das pessoas voltadas para o palco e dançando, ao som do grupo de pagode, separadamente, ou em grupos de amigos, sem casais se beijando no meio da pista.

Entretanto, cerca de 5 minutos após minha saída, quase às 5 horas da manhã, um tumulto muito grande acontece dentro da casa e as pessoas saem todas correndo, desesperadas para a única porta de saída – que é pequena -, causando certo atropelamento. Do outro lado da

¹¹ [...] Na cultura da noite há escolhas, mas também restrições: segundo a condição social se pode ou não acessar certos lugares. Se é escolhido para ingressar ou para ser excluído. Pode-se escolher, porém dentro de uma certa gama. A cultura da noite é etnocêntrica, classista e, poderíamos dizer, racista. (tradução nossa)

rua, observo e não entendo exatamente o que está acontecendo, quando saem dois rapazes, um na frente correndo e outro atrás, com um revólver na mão. O homem armado, quando consegue sair de dentro da boate, começa a atirar em direção ao outro, que corre no sentido à Avenida da Saudade e, aparentemente, escapa ileso dos projéteis. São disparados quatro tiros e os dois homens somem rapidamente, enquanto procurava abrigo para me proteger.

Após este incidente, que expôs várias pessoas à um risco de morte, a festa evidentemente acabou e, rapidamente, as pessoas se articulavam para ir embora e sair dali, com medo das consequências da confusão, ou de possíveis novos disparos.

Novamente, percebemos o uso dos rádio taxis e, rapidamente, as muitas motocicletas de baixa cilindrada, que enchiam as ruas e também os carros vão saindo da mancha. Em menos de meia-hora, o ambiente se esvaziou e uma viatura da polícia apareceu com a sirene e os sinalizadores de emergência (giroflex) desligados, mas não tomou nenhuma providência ou sequer averiguou o local, voltando sentido ao centro.

A noite deste sábado (2 de Abril de 2011) movimentado e cheio de detalhes foi fechada quase no amanhecer do dia. Tentei me inteirar do motivo da confusão, com um dos gerentes da boate, mas ele, simplesmente, se limita a dizer que são os “estraga prazeres”, que “queimam” a casa, não respondendo nada sobre os seguranças que não fizeram uma inspeção detalhada na entrada, para identificar indivíduos armados.

Com o exposto, tentamos, através dos eventos mais marcantes das experiências de campo, analisar e compreender – com o auxílio das nossas referências teóricas –, as relações dos jovens com o espaço da mancha de lazer do Bongiovani. Infelizmente, não há dúvida que muitos outros detalhes, menos relevantes, escaparam destas análises. Porém, fizemos o esforço de sintetizar e traduzir, neste texto, os principais pontos que julgamos ser reveladores da dinâmica da mancha de lazer do Bongiovani.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após termos acompanhado, por um curto período, o desenrolar das noites do Bongiovani e termos investigado suas origens, pudemos compreender melhor as dinâmicas que se deram neste espaço de lazer, até chegar à sua forma atual, com suas especificidades. Dessa maneira, confirmamos o dinamismo intenso da vida noturna, tanto no que se refere as práticas e culturas juvenis, quanto aos estabelecimentos que, constantemente, buscam se adaptar, para atender as novas demandas de seu volátil público.

Inicialmente, antes de emprendermos as incursões a campo, fizemos um diagnóstico prévio e víamos a noite do Bongiovani como um espaço cheio de tensões, disputado por diversos grupos de diferentes classes sociais, que deixavam suas marcas, mesmo que invisíveis, em territórios objetivo-subjetivos, sobrepostos entre si e à outras territorialidades para além daquelas visíveis na mancha, tecendo um emaranhado de fronteiras móveis. Num outro momento, com as observações, constatamos uma mudança daquele cenário, que se tornara mais homogêneo quanto ao seu público – agora de jovens da periferia pobre de Presidente Prudente - e menos disputado entre os grupos que ali frequentavam. Percebemos que as novas dinâmicas eram parecidas com as anteriores, fundadas nos desejos e modelos amplamente disseminados pela mídia de “como ser jovem”, e “como se divertir”, ambos atrelados à uma cultura de consumo.

No cenário que emergiu com mais intensidade no final da última década, tínhamos atores da periferia pobre de Presidente Prudente, num processo de conquista de territórios que, outrora, foram mais específicos das classes média e alta, buscando fazer parte dessa cultura juvenil e também consumir a este modelo de diversão noturna, que antes lhes era negado, pelo seu baixo poder aquisitivo.

Com as mudanças significativas das casas, para atender esse novo público, os jovens que antes não se sentiam pertencentes àqueles ambientes, frequentados pela juventude mais abastada, agora criavam uma identidade com aqueles territórios objetivo-subjetivos e temporários das noites dos fins de semana do Bongiovani, negociando não só espaços, mas também os sentidos de festa, reconfigurando-os.

Essa conquista é importante dentro da lógica da produção do espaço urbano, pois mostra o jogo de forças das demandas por espaços juvenis dentro da cidade, mostrando também os obstáculos impostos pela falta de renda aos jovens de periferia pobre. Entretanto,

as classes de renda mais alta tem mais opções de lazer, pois podem “consumir” diversos espaços privados de lazer, que não são acessíveis à todos, além da maior mobilidade, tendo em vista que a maioria destes dispõe de veículos.

Neste caso, felizmente, a mancha de lazer do Bongiovani pode, mesmo que de maneira conflitante, amparar e dar condições de lazer à um público que carecia destes espaços – públicos e privados - em Presidente Prudente. Contudo, isso pode não ser permanente, devido à lógica do capital privado e da própria vida noturna, que está sempre se renovando, para propor novidades aos frequentadores e renovar suas atrações e também seu público. Sinais disso puderam ser percebidos ao final do período de observações de campo, confirmando a rápida e intensa mutação dos empreendimentos da vida noturna, quando vimos surgir um estabelecimento voltado à jovens de alto poder aquisitivo – a Boate e Bar PUB -, talvez tentando resgatar o antigo público da mancha e, sem dúvida, modificar suas dinâmicas.

Com a inauguração deste, mesmo sem um acompanhamento de campo sistemático após maio de 2011, percebemos que toda a lógica da mancha de lazer foi modificada, fechando mais um ciclo. Os jovens de periferia se afastaram nos meses subsequentes à inauguração e as últimas casas para este público foram fechando as portas, uma a uma, restando somente duas boates (PUB Music n’Bar e ZEUS) desconectadas pela divergência de de seus públicos, desarticulando completamente a Mancha de Lazer do Bongiovani e cedendo a centralidade de lazer para outras áreas da cidade – como o Parque do Povo, atual centralidade de lazer da classe média.

Isso reforça mais uma vez a questão da efemeridade da diversão noturna como um produto, que procura sempre se renovar e, conseqüentemente, acaba reconstruindo também as práticas espaciais juvenis dentro do espaço urbano.

Assim, pudemos compreender através deste trabalho um pouco das transformações das práticas e dos espaços de sociabilidade de parcela significativa da juventude prudentina, a partir do estudo de caso desta mancha de lazer enquanto espaço de diversão noturna constantemente ressignificado, levando em conta que a análise a partir da sociabilidade dos jovens, através do lazer, implica reconhecer a formação de vínculos e algumas formas de relação com o espaço e equipamentos urbanos, ao mesmo tempo em que, conseqüentemente, os dinamiza e transforma nesta relação (MAGNANI, 1996).

É relevante também frisar a conquista de um espaço de lazer por parte dos “jovens proscritos” da cidade de Presidente Prudente – SP, onde constatamos, além da conquista

territorial, também uma conquista de visibilidade social, tendo em vista que, para estes jovens – que antes eram invisíveis para a sociedade – “consumir a cidade de que foram banidos, realizar sua inscrição nos registros, usar os adereços que foram expropriados é **ser jovem**” (DIÓGENES, 2008, p. 41 – grifo nosso). Além, é claro, do resultado dessa conquista lhes conferir o privilégio de “existir” dentro da “cidade oficial”, mesmo que contrariando os interesses das classes dirigentes e dos empresários da noite – obrigados a se adaptar a novos momentos.

REFERÊNCIAS

- ABRAMO, H. W. *Cenas juvenis: punks e darks no espetáculo urbano*. São Paulo: Scritta, 1994. 172 p.
- ALMEIDA, M. I. M. de; TRACY, M. de A. *Noites nômade: espaço e subjetividade nas culturas jovens contemporâneas*. Rio de Janeiro: Rocco, 2003. 250 p.
- CARRANO, Paulo César Rodrigues. *Os jovens e a cidade: identidades e práticas culturais em Angra de tantos reis e rainhas*. Rio de Janeiro: Relume Dumará: FAPERJ, 2002.
- _____. *Jovens na Cidade*. Boletim Rio de Janeiro: Trabalho e Sociedade. Ano 1 - Nº 1, 2001, p. 15 – 22. Disponível em <http://www.iets.org.br/biblioteca/Jovens_na_cidade.pdf>
- COLOGNESE, Silvio Antonio; MELO, José Luiz Bica. A técnica de entrevista na pesquisa social. *Cadernos de Sociologia*. Porto Alegre, v. 9, p.143-159, 1998.
- DAYRELL, J. *A música entra em cena: o rap e o funk na socialização da juventude*. Belo Horizonte: Humanitas, 2005. p. 21 – 44.
- DIÓGENES, G. *Cartografias da cultura e da violência: gangues, galeras e movimento hip hop*. São Paulo: Annablume; Fortaleza: Secretaria da Cultura e do Desporto, 1998.
- GOMES, Paulo César da Costa. *A condição urbana*. Ensaios de geopolítica da cidade. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002, p. 169-191.
- MAGNANI, J. G. C. Os circuitos dos jovens urbanos. *Tempo Social* (Rev. de Sociologia da USP), São Paulo, v. 17, no. 2, p. 173 – 205, novembro de 2005.
- _____. Quando o campo é a cidade: fazendo antropologia na metrópole. In: MAGNANI, J. G. C.; TORRES, Lilian de Lucca (org.). *Na metrópole: fazendo antropologia urbana*. São Paulo: EDUSP/FAPESP, 1996. p. 12 – 53.
- _____. Da periferia ao centro: pedaços e trajetos. *Revista de Antropologia*, São Paulo (USP), v. 35, p. 191 – 203, 1992.
- MAIA, Rousiley C. M. Sociabilidade: apenas um conceito? *Geraes – Estudos em Comunicação e Sociabilidade*, Belo Horizonte, n.53, 2002, p. 4 - 15.
- MARGULIS, Mario. *La cultura de la noche: la vida nocturna de los jóvenes en Buenos Aires - 1ª ed. 2ª reimpr.* - Buenos Aires: Biblos, 1997.p. 11 – 30.
- PAMPOLS, C. F. La ciudad invisible: territorios de las culturas juveniles. In: MARGULIS, M. et al. (org.) *Viviendo a toda: jóvenes, territorios culturales y nuevas sensibilidades*. Santafé de Bogotá: Siglo del Hombre Editores/Departamento de Investigaciones Universidad Central, 1998. p. 83 – 109.

PEREIRA, Sílvia Regina. *Análise do sub-centro comercial e de serviços do Jardim Bongiovani Presidente Prudente - SP*. (Monografia) Curso de Graduação em Geografia da FCT/UNESP - Presidente Prudente, 1998.

_____. *Subcentros e condições de vida no Jardim Bongiovani e Conjunto Habitacional Ana Jacinta - Presidente Prudente -SP*. (Dissertação) Programa de Pós-Graduação em Geografia da FCT/UNESP - Presidente Prudente, 2001.

RIBEIRO, Rita Aparecida da Conceição. Um roteiro de visibilidade e invisibilidade na cidade. *Observatorium* (Revista Eletrônica de Geografia), v.1, n.1, p.185-196, jan. 2009.

ROCHA JÚNIOR, J. M. da. *A mancha de lazer da rua XV de Novembro: juventude, sociabilidade e conflito*. 2007. 63 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Geografia). Departamento de Geografia, UNICENTRO, Guarapuava, 2007.

SILVA, L. P. S. O estudo do conforto térmico nas salas de aula da FCT/UNESP de Presidente Prudente-SP. 2008. (Monografia). Curso de Graduação em Geografia da FCT/UNESP, Presidente Prudente, 2008.

SIMMEL, G. Sociabilidade: um exemplo de Sociologia Pura ou Formal. In: _____. *Sociologia* (org. MORAES FILHO). São Paulo: Ática, 1983. p. 165 – 181. (Coleção Grandes Cientistas Sociais)

SOUZA, Marcelo Lopes de. O território: sobre espaço e poder, autonomia e desenvolvimento. In: CASTRO, I. E. de; GOMES, P. C. da C.; CORRÊA, R. L. (org.). *Geografia: conceitos e temas*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001. p. 77 – 116.

_____. "Território" da divergência (e da confusão): em torno das imprecisas fronteiras de um conceito fundamental. In: SAQUET, Marcos Aurélio e SPOSITO, Eliseu Savério (orgs.): *Territórios e territorialidades: teorias, processos e conflitos*. São Paulo e Presidente Prudente: Expressão Popular e Programa de Pós-Graduação em Geografia da UNESP/Presidente Prudente, 2009.

SOUZA, Marcelo Lopes de; RODRIGUES, Glauco Bruce. *Planejamento urbano e ativismos sociais*. São Paulo: Editora da UNESP, 2004, p. 96 a 122

SPOSITO, Maria Encarnação Beltrão. *O chão em Presidente Prudente - SP: A lógica da expansão territorial urbana*. Rio Claro, 1983. 230f. Dissertação (Mestrado em Geografia) - Instituto de Geociências e Ciências Exatas de Rio Claro, UNESP. 1983.

TURRA NETO, Nécio. *Múltiplas trajetórias juvenis em Guarapuava: territórios e redes de sociabilidade*. 2008. 530 fl. Tese defendida no Programa de Pós-Graduação da FCT/UNESP, Presidente Prudente. 2008

_____. *Enterrado vivo: identidade punk e território em Londrina*. São Paulo: Editora UNESP, 2004.

WINKIN, Y. Descer ao campo. In: _____. *A nova comunicação: da teoria ao trabalho de campo*. Campinas: Papirus, 1998. p. 129 – 145.

ANEXOS**Anexo 1 – Modelo do Formulário de Dados do Entrevistado****DADOS DO/A ENTREVISTADO/A**

- 1) Nome Completo: _____
- 2) Local e data de nascimento: _____
- 3) Se não natural de Presidente Prudente: Há quanto tempo mora na cidade? _____
- 4) Endereço atual: Bairro: _____
e-mail: _____
- 5) Profissão Atual: _____
Profissões Anteriores: _____

- 6) Escolaridade: _____
- 7) Renda: _____
- 8) Religião: _____
- 9) Estado Civil: _____
- 10) Mora com:
- () filhos () marido/esposa () sozinho/a () amigos/as
- () filhos + marido/esposa () pais () tios e/ou avós

Anexo 2 – Modelo do Termo de Consentimento de Uso de Entrevista

TERMO DE CONSENTIMENTO DE USO DA ENTREVISTA

A pesquisa de nome “**Diversão Noturna da Juventude Prudentina: O caso da Mancha de Lazer do Jardim Bongiovani, em Presidente Prudente – SP**” é um projeto de iniciação científica, vinculado ao projeto maior ESPAÇOS E TEMPOS DA SOCIABILIDADE JUVENIL EM PRESIDENTE PRUDENTE. Busca contribuir para os estudos das juventudes no campo da Geografia e com a compreensão da relação que as várias juventudes locais estabelecem com a cidade em que vivem.

Os dados dos depoimentos estarão sob sigilo ético e não deverão ser divulgados até o momento de publicação da pesquisa, de modo que ela não oferece nenhum risco ao/a informante.

O pesquisador responsável pela referida pesquisa é o aluno Marcelo Custódio Pereira, do Curso de Geografia da FCT Unesp de Presidente Prudente, orientado pelo Professor Dr. Nécio Turra Neto, do Departamento de Geografia da FCT/Unesp, de Presidente Prudente, que se comprometem a esclarecer todas as dúvidas dos/as informantes, antes, durante e depois das entrevistas. Podendo ser contatados pelos telefones: (18) 8120-9852 ou (18) 32295668, respectivamente, ou ainda pelos correios eletrônicos: shinoby_geo@hotmail.com ou nturra@hotmail.com

Eu, _____, portador/a do documento _____, residente _____,

declaro para os devidos fins que cedo os direitos da minha entrevista para que seja transcrita, analisada e utilizada, no todo ou em partes, no âmbito da pesquisa acima citada. Da mesma forma, autorizo que seja usada posteriormente por terceiros, vinculados à FCT/UNESP, que ficará com a guarda do material, após o término da pesquisa. Também informo que:

- () permito a citação do meu nome na redação final da pesquisa
 () não permito a citação do meu nome na redação final da pesquisa.

 Assinatura do Entrevistado

 Assinatura do Pesquisador

Presidente Prudente, _____ de 2011.

Anexo 3 – Modelo de Enquete aplicado ao público da Mancha de Lazer do Bongiovani no dia 7 de Maio de 2011.

ENQUETE - PÚBLICO DO BAIRRO BONGIOVANI DE PRESIDENTE PRUDENTE –SP.

SEXO: Masculino / Feminino

Quantos anos você tem:

10 a 15 anos / 15 a 18 anos / 18 a 20 anos / 20 a 23 anos / 23 a 25 anos / 25 a 30 anos / 30 ou mais

Qual o tipo de música que você mais gosta? (até 3 tipos)

Pop-Rock / Eletrônica / Samba e Pagode / Funk / Rap / Sertanejo / Forró Outro: _____

Quando você sai à noite para se divertir vai para quais lugares:

Bares / Boates / Restaurantes / Praças públicas / Shoppings / Bilhares / Festas particulares / Casas de amigos e parentes / Outras: _____

*Procurar anotar os nomes dos estabelecimentos

citados: _____

Você vem sempre para o Bongiovani?

SIM / NÃO

Quantas vezes por mês aproximadamente?

menos de uma / uma por mês / 2 vezes / entre 2 a 4 vezes / entre 4 e 8 vezes / mais de 8 vezes por mês

O que te motiva a sair para se divertir no Bongiovani? (até 3 elementos)

as pessoas / as músicas / o movimento / os amigos / as paqueras / as conversas / as bebidas / as baladas / os shows / Os bares e boates
 outros: _____

Há quanto tempo você frequenta a noite do Bongiovani?

Primeira vez / 1 mês / entre 1 e 3 meses / entre 3 e 6 meses / entre 6 meses a um ano / mais de 1 ano / mais de 2 anos

O que você pensa da noite no Bongiovanni?

Você passa por outros lugares antes de vir para cá?

NÃO / SIM

⇒ (se for afirmativo)Quais?:_____

Com que intuito?_____

E depois da noite, o que faz?

Vai direto pra casa / Vai pra outros lugares* / Procura lugar para comer* / Procura lugar para beber / Outro

Que horário costuma vir para cá?

das 22 as 00 horas / das 0 à 1 / da 1 às 2 / das 2 em diante

Fica até que horário normalmente?

até as 00 horas / até à 1 / até às 2 / entre 2 e 4 / entre 4 e 6 / depois das 6

Qual tipo de "lugares para festa" você prefere?

Boates / Bares / Bilhares / Restaurantes / Festas particulares / Festas em Chácaras / Casa de amigos / Lugares abertos (praças, parques, estacionamentos, etc) /

Outros:_____

De que maneira você vem para o Bongiovani?

carona / moto / taxi / carro / a pé / moto-taxi / bicicleta

Vem sozinho ou em grupos de amigos?

Sozinho / com amigos

⇒ (se for "com amigos")Onde encontra os amigos antes de vir pra cá?

Você e seus amigos gostam de algum tipo de música específica que os une a um grupo maior? Se SIM, qual tipo de música?

NÃO

SIM: _____

Você segue algum estilo específico? Qual estilo que você se encaixaria melhor?

Você reconhece a existência de diferentes grupos de jovens no Bongiovanni?

Quais? E o que pensa deles?

Você tem alguma relação de identidade com o seu bairro e com seus amigos e moradores de lá? O que sente em relação à ele?

Quanto você gasta aproximadamente na noite quando sai?

Nada / entre 5 e 10 reais / entre 10 e 20 reais / entre 20 e 30 reais / entre 30 e 50 reais / mais que 50 reais

Com o que você normalmente gasta mais? (colocar valores aproximados)

entrada _____ / bebidas _____ / cigarro _____

alimentação _____ / transporte _____

O que você pensa da noite Prudentina?

Anexo 4 – Modelo do Questionário Socioeconômico aplicado ao público da Mancha de Lazer do Bongiovani no dia 7 de Maio de 2011.

SOCIOECONÔMICO

Grau de Escolaridade:

Analfabeto / Até a 4ª série / Até a 8ª série / Até o 3º ano do E.M. /
 Superior Incompleto / Superior Completo

*(Se ainda for estudante, qual ano está: _____)

*apenas para Ensino Superior

(Qual: _____/Onde: _____)

Pretende fazer curso superior?

SIM / NÃO

⇒ Qual _____

⇒ Onde _____

⇒ Pública ou Privada? _____

Trabalha atualmente? SIM / NÃO

No que trabalha: _____

Qual a renda familiar mensal:

de 1 a 2 salários / de 2 a 3 salários / de 3 a 4 salários / de 5 a 10 salários / 10 ou mais salários

Qual sua renda particular mensal:

de 1 a 2 salários / de 2 a 3 salários / de 3 a 4 salários / de 5 a 10 salários / 10 ou mais salários

Quais foram seus últimos três emprego (anotar o tempo de serviço): _____

Qual bairro mora: _____

Tem Filhos?

1 filho / 2 filhos / 3 filhos / 4 filhos / 5 filhos / mais que 5 filhos

Mora:

Sozinho / Com os pais / Com namorado (a) / Com esposo (a) / República-Pensionato / Outro: _____

Tem casa própria:

SIM / NÃO

Tem veículo próprio:

SIM / NÃO

Anexo 5 – Modelo de Roteiro de Entrevista aplicado aos proprietários de empreendimentos de diversão noturna da Mancha de Lazer do Jardim Bongiovani.

ROTEIRO DE ENTREVISTA – DONOS DE EMPREENDIMENTOS DE DIVERSÃO NOTURNA

BLOCO 1 - HISTÓRICO DO ESTABELECIMENTO E DA MANCHA

1 – Há quanto tempo trabalha com diversão noturna?

2 - Já trabalhava no ramo antes de abrir a casa neste local?

3 – Quanto tempo o estabelecimento está em funcionamento?

4 – Conhece o antigo estabelecimento e o seu antigo proprietário? (Colher diversas informações como nome, tempo de funcionamento, tipo de estabelecimento, público alvo, etc.)

5 - Já houveram problemas burocráticos como dificuldades para conseguir alvarás, problemas com polícia, prefeitura, etc?

6 – Como você classifica o seu estabelecimento?

7 – Qual é o público alvo que pretende atingir?

8 – Que tipo de atrativo seu estabelecimento oferece para seu público?

9 - Você promove seu estabelecimento de alguma forma? Utiliza-se de alguma mídia (jornais, flyers, rádio, televisão, boca a boca) para fazer a divulgação da casa?

10 - Você já conhecia como a “noite do Bongiovani” funcionava? O que te atraiu para investir no local?

BLOCO 2 - ANÁLISE DA DINÂMICA DA MANCHA E DO PÚBLICO

11 – Nos últimos (5) anos houve alguma mudança significativa no bairro? (fluxo de pessoas e veículos, mudança de estrutura, de tipo de diversão, etc.).

12 - Houve uma mudança de público que frequenta o bairro (a mancha)? (Idade, classe social, bairro/centro, universitários/não estudantes, etc.). Se sim, qual era o perfil do público que frequentava os estabelecimentos e qual é o perfil do público atual? O que você acha que causou estas mudanças?

13 – Nos últimos anos pode se perceber que há uma frequente mudança de estabelecimentos, quanto ao seu tipo de atividade, fachada, nome fantasia, etc. O que você apontaria como motivo principal que impulse estas mudanças?

BLOCO 3 - ANÁLISE DA NOITE PRUDENTINA

14 - Como você vê a “noite prudentina”? Acha que outros lugares da cidade estão em mais evidência/ maior visibilidade/ mais glamour que o bairro?

15 – Quais as características positivas e negativas da noite prudentina? Você acha que algo atrapalhe a vida noturna ou falte algo nela?